

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE

CURSO DE PSICOLOGIA



ROBERTA MAZZILLI

A PSICANÁLISE DE BOM HUMOR
um estudo sobre o chiste, o cômico e o humor na
relação terapeuta-paciente

São Paulo

2012

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE

CURSO DE PSICOLOGIA

ROBERTA MAZZILLI

A PSICANÁLISE DE BOM HUMOR

um estudo sobre o chiste, o cômico e o humor na
relação terapeuta-paciente

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como
exigência parcial para a graduação no curso de Psicologia
sob orientação do Prof. Dr. Raul Albino Pacheco Filho

São Paulo

2012

Mazzilli, Roberta

A psicanálise de bom humor – um estudo sobre o chiste, o cômico e o humor na relação terapeuta-paciente / Roberta Mazzilli — São Paulo, SP : PUC-FCHS, 2012.

p. 69

Trabalho de Conclusão de Curso — Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, São Paulo, SP, 2012. Orientador: Raul Albino Pacheco Filho.

1. Humor, chiste e cômico 2. Psicanálise 3. Relação terapeuta-paciente 4. Interpretação 5. Ética. Universidade Católica de São Paulo. Pontifícia. Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde.

ROBERTA MAZZILLI

A PSICANÁLISE DE BOM HUMOR

um estudo sobre o chiste, o cômico e o humor na
relação terapeuta-paciente

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como
exigência parcial para a graduação no curso de Psicologia
sob orientação do Prof. Dr. Raul Albino Pacheco Filho

Examinadores:

Prof. Dr. Raul Albino Pacheco Filho
Orientador
Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde

Prof. Dr. Paulo José Carvalho da Silva
Parecerista
Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde

São Paulo, 4 de junho de 2012

*Dedico este trabalho ao meu avô Hugo, pela sua
alegria de viver e seu jeito único de contar piadas.*

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer, em primeiro lugar, aos meus pais, por acreditarem em meu sonho de me tornar psicóloga e por possibilitarem que ele se torne realidade.

Ao meu orientador, Raul Pacheco, pelos ensinamentos e pelo diálogo, e por sempre me instigar a ir além, acreditando que eu poderia mais.

Aos professores, que inspiraram a profissional que um dia pretendo ser, principalmente, Elizabeth Brandão, Eloisa Penna, Franklin Goldgrub, Kátia El Id, Maria Cristina Vincentin, Maria de Lourdes Trassi Teixeira e Nichan Dichtchekenian.

À minha analista, que me acompanhou nos momentos mais tristes e mais alegres, e me ajudou a compreender o que significam as dores e as delícias de ser quem somos.

Às minhas queridas amigas, pelo companheirismo, pelas conversas, pelos grandes e pequenos acontecimentos e, sem dúvida, pelas risadas.

RESUMO

Esse trabalho propõe-se a estudar o tema do chiste, do cômico e do humor articulado às construções teóricas da psicanálise. Pretende-se investigar como esses elementos se manifestam no processo analítico, na relação terapeuta-paciente. Será dado enfoque ao senso de humor, entendido, principalmente, como a capacidade do sujeito rir de si mesmo. Serão aprofundados os textos de Freud referentes ao assunto – *Os Chistes e a sua Relação com o Inconsciente* e *O Humor* –, para então relacioná-los a produções mais recentes, com ênfase na manifestação do fenômeno no *setting*. Verificou-se que o humor abre novas possibilidades ao sujeito, especialmente, pela resignificação das experiências dolorosas. Nesse sentido, está relacionado ao trabalho de interpretação realizado pelo terapeuta. O chiste, o cômico e o humor podem ser utilizados pelo analista como instrumentos de sua intervenção.

PALAVRAS-CHAVE: Humor, chiste e cômico; Psicanálise, Relação terapeuta-paciente, Interpretação e Ética.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
2. UMA LEITURA DE <i>OS CHISTES E A SUA RELAÇÃO COM O INCONSCIENTE</i>	6
3. UMA LEITURA DE <i>O HUMOR</i>	26
4. REFLETINDO SOBRE O HUMOR NA CLÍNICA PSICANALÍTICA	41
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	66

Cada vez que o reino humano me parece condenado ao peso, digo para mim mesmo que à maneira de Perseu eu devia voar para outro espaço. Não se trata absolutamente de fuga para o sonho ou o irracional. Quero dizer que preciso mudar de ponto de observação, que preciso considerar o mundo sob uma outra ótica, outra lógica, outros meios de conhecimento e controle. As imagens de leveza que busco não devem, em contato com a realidade presente e futura, dissolver-se como sonhos...

Leveza, in Calvino, Ítalo: Seis propostas para o próximo milênio.

1. Introdução

Neste trabalho de conclusão de curso propusemo-nos a estudar o tema do chiste, do cômico e do humor articulado às construções teóricas da psicanálise. Pretendemos investigar de que forma essa teoria conceituou-os e deles se apropriou em sua reflexão e prática, especialmente no contexto da clínica. Ainda, em tal contexto, estudamos, principalmente, a presença do senso de humor entre analista e analisando.

Em um primeiro olhar, observamos que Freud, em seus escritos, descreveu o humor de diversas maneiras: “qualquer coisa de grandeza e elevação”, “dom precioso e raro” e “teimoso e rebelde”. Como veremos ao longo deste estudo, não é das tarefas mais simples definir em que consiste o humor.

Nosso interesse por este objeto de pesquisa surgiu de nossa própria reflexão acerca do processo psicanalítico: identificamos que este é marcado por períodos difíceis. Períodos em que terapeuta e paciente se deparam com a tristeza, a dor e o sofrimento. Ainda além, períodos em que o próprio paciente deve se confrontar com aspectos que não aceita ou não reconhece em si mesmo, empreendendo uma verdadeira travessia pelos seus fantasmas inconscientes.

Por outro lado, também identificamos que, em certos momentos, de maneira imprevista, surge um sorriso, uma piada ou uma “tirada” bem humorada no *setting*... Quando isto acontece, estes elementos, ao entrarem em cena, atribuem à experiência analítica outro tom e outro olhar.

Sabemos que tais situações ocorrem espontaneamente no contexto da prática clínica. Porém, gostaríamos de saber se não poderia o terapeuta utilizar o humor, não apenas de maneira fortuita, mas também como um instrumento de sua intervenção?

É justamente essa a questão que motivou a realização de nosso estudo. Além dela, há também outra: seria possível ao senso de humor auxiliar o analista a promover no analisando efeitos de transformação? Nesse sentido, focalizaremos, principalmente, o senso de humor como sendo a capacidade de o sujeito *rir de si próprio*. Conforme Slavutzky e Kupermann, o humor consiste numa “modalidade de percepção ativa que capacita o sujeito a rir não apenas do outro, mas também, e, sobretudo, de si mesmo, gerando potência e alegria onde se esperava apenas dor” (2005, p. 8).

Para tanto, de modo a sustentar nossa pesquisa, devemos retornar ao início do século passado, mais precisamente quando Freud estava construindo os alicerces da teoria psicanalítica e se deparava pela primeira vez com o tema dos chistes, do cômico e do humor.

No conjunto da obra freudiana, há dois textos dedicados à problemática que serão utilizados como fundamento desse estudo. O primeiro deles, *Os Chistes e a sua Relação com o Inconsciente*, foi publicado em 1905, no mesmo período em que o autor elaborava sua teoria sobre a interpretação dos sonhos. Já o segundo, *O Humor*, consistiu em um ensaio que foi apresentado, em 1927, na abertura da X Conferência Internacional de Psicanálise. Como notamos, na primeira obra Freud deu ênfase ao chiste, enquanto, na segunda, essa recaiu para o humor.

A palavra chiste, na língua portuguesa, tem o significado de “dito gracioso, facécia, piada, pilhéria, gracejo”, conforme o *Novo Dicionário Aurélio* (Ferreira, 1986). Seu correlativo em alemão é *Witz*, que tem suas origens no movimento do romantismo alemão. Os franceses optaram por traduzi-lo por *esprit*, que consiste numa característica de quem é espirituoso. Em nosso trabalho, consideraremos esses termos (*Witz*, *esprit*, chiste, piada, etc) como sinônimos.

Passemos agora ao humor: também gostaríamos de trazer algumas definições do termo encontradas fora do âmbito da psicanálise. Do ponto de vista histórico e etimológico, devemos considerar a teoria hipocrática dos humores. Segundo tal teoria, os “humores” seriam líquidos secretados pelo corpo, tidos como determinantes das condições físicas e mentais do indivíduo. Assim, teríamos os tipos: sanguíneo, fleumático, melancólico e colérico.

De acordo com o *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, a palavra comporta vários significados. Iremos destacar aqueles que consideramos os principais: “(med) estado afetivo durável que depende da condição psicofísica do organismo como um todo, constituindo o pano de fundo sobre o qual diferentes conteúdos psíquicos tomam uma tonalidade afetiva (...) estado de espírito ou ânimo; disposição, temperamento (...) comicidade em geral; graça, jocosidade; (...) expressão irônica e engenhosamente elaborada da realidade; espírito (...) faculdade de perceber ou expressar tal comicidade”.

Já do ponto de vista lingüístico, Eco, Attardo, Raszi *et al* (*apud*, Calich, 2006) indicam que a estrutura essencial do humor reside em um “jogo de significados”, onde determinado significado esperado em um ato ou discurso é, subitamente, suprimido e substituído por outro não esperado.

Todas estas definições comportam suas riquezas e complexidades e poderão ser-nos úteis em nosso estudo. Porém, como podemos observar, desde Hipócrates até o desenvolvimento da medicina moderna, é forte a influência da concepção, segundo a qual humor corresponderia a um traço de caráter ou a uma tonalidade emocional, de onde surgiram as expressões “bom humor” e “mau humor”. Não trabalharemos com tal entendimento nesse trabalho.

Estamos mais interessados em compreender a originalidade do olhar da psicanálise sobre o fenômeno, a partir do momento em que Freud aproximou-o do campo das *manifestações inconscientes*. Essa novidade freudiana significou, em última análise, um salto do “corpo da anatomia” para o “corpo erógeno-pulsional”, nas palavras de Pereda (2005).

A partir de então, conceberemos o *Witz*, o cômico e o humor como elementos tipicamente humanos e, portanto, dependentes do discurso. Especificamente a respeito do humor, Ungier (2005) sugere que ele consiste em um jogo de linguagem que produz uma reviravolta no sentido do discurso, uma observação que nos surpreende, quando as pessoas são colocadas diante de situações limite, onde a consequência esperada seria a angústia. Para Morais:

O humor seria uma criação simbólica repentina, quando através da surpresa e do inesperado eclode um sentido novo. É articulado e depende totalmente da linguagem e do deslocamento de sentido da palavra (Morais, 2008).

Ainda, Slavutzky e Kupermann entendem que ele corresponderia à “*habilidade de se aceitar que toda a verdade é parcial, que o ser humano é insuficiente e que é onde a vida aparenta imperfeição que vale entoar uma boa gargalhada*” (2005, p. 8).

Por meio destas citações, identificamos que o senso de humor pode significar outra forma de o sujeito relacionar-se com as agruras e dificuldades de sua existência. Dito de outra forma, o humor possibilitaria uma maneira efetiva de lidar com as experiências de sofrimento e frustração presentes em nossas vidas, possibilitando, até mesmo, um ganho de prazer.

Aliás, o próprio Freud lançou mão desse recurso diversas vezes, em situações de adversidade (Gay *apud* Morais, 2008). Um exemplo ocorreu no ano de 1938, quando ele deveria deixar a Áustria dominada pelo nazismo, sendo que, adicionalmente, sua filha, Anna, havia sido presa e interrogada. Nesse contexto, Freud foi obrigado a assinar um documento à Gestapo, afirmando que não sofrera maus tratos. Ele assim o fez, porém, após assiná-lo, acrescentou:

“Posso recomendar altamente a Gestapo a todos”. Tal atitude, se, por um lado, arriscada¹, por outro, demonstra a coragem e a vitalidade de Freud.

Outro episódio que merece destaque ocorreu no ano de 1933: Freud, já em sua velhice – acometido por um câncer de mandíbula e assistindo ao crescimento do nazismo na Europa –, soube que seus livros estavam incluídos dentre aqueles que seriam queimados em praças públicas alemãs e em *campi* universitários. Frente a isso, teceu o seguinte comentário: “Que progressos estamos fazendo. Na Idade Média teriam queimado a mim; hoje em dia eles se contentam em queimar meus livros” (Gay *apud* Moraes, 2008).

Enfim, no ano de 1926, em uma entrevista com o jornalista George Sylvester Viereck, ele teria afirmado o seguinte:

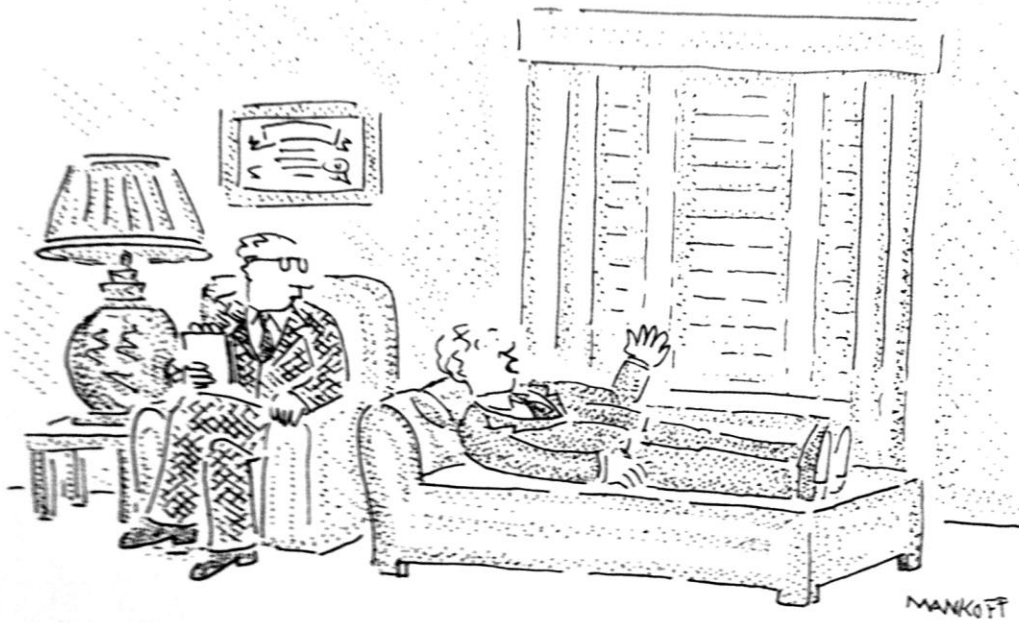
Setenta anos de existência ensinaram-me a aceitar a vida com alegre humildade [...] não gosto de meu palato artificial, porque a luta para mantê-lo em função consome a minha energia. Prefiro, entretanto, um palato postiço a nenhum; ainda prefiro a existência à extinção... *Não sou pessimista, não permito que nenhuma reflexão filosófica me faça perder o gozo das coisas simples da vida.* (Viereck, *apud*, Moraes 2008, grifo nosso).

Não perdendo de vista a postura esperançosa, afirmativa e rebelde de Freud, passemos ao nosso trabalho.

Ele está organizado da seguinte forma: dedicaremos o capítulo 2, ao estudo do texto *Os Chistes e a sua Relação com o Inconsciente*, articulando-o com reflexões traçadas por psicanalistas atuais. Já no capítulo 3, abordaremos o ensaio *O Humor*, e, novamente, introduziremos reflexões elaboradas por psicanalistas mais recentes. Finalmente, no capítulo 4, trataremos da presença do chiste, do cômico e do humor na clínica psicanalítica, aprofundando-nos sobre como esses podem ser utilizados por parte do terapeuta e do paciente.

Do ponto de vista metodológico, trata-se de um estudo teórico, onde utilizaremos o referencial da psicanálise. Seguiremos, basicamente, a teoria de Freud (e seus atuais comentadores). Porém, em alguns momentos, também lançaremos mão das contribuições de Winnicott e de Lacan. Assim, será realizado um estudo bibliográfico, acerca do campo envolvendo o humor e a psicanálise, bem como sua relação com a clínica.

¹ Gay, inicialmente, supôs que tal atitude corresponderia a uma “tentativa inconsciente de suicídio” por parte de Freud, uma vez que as autoridades poderiam reconhecer a ironia presente em suas palavras. No entanto, posteriormente, esse autor reconheceu que ela manifestava, na realidade, seu “senso de humor irreprímível”.



– Mas, se eu me curar da hiponcondria, vou perder minha única diversão.

2. Uma leitura de *Os Chistes e a sua Relação com o Inconsciente*

Inicialmente, pretendemos investigar como Freud entendeu o tema do humor e o incorporou na psicanálise. De acordo com Pereda (2005), o humor está presente na obra de Freud em pelo menos dois sentidos. Por um lado é um tempero de seu estilo de escrever, que inclui freqüentes referências a outros autores, por outro aparece na produção de dois textos específicos².

Nesse capítulo, iremos nos dedicar ao primeiro texto: *Os Chistes e a Sua Relação com o Inconsciente*³. Pretendemos recuperar o percurso freudiano, para, em seguida, discutir determinadas reflexões que o livro nos apresenta.

Esse ensaio marca um período inicial e importantíssimo no desenvolvimento da psicanálise, onde Freud, uma vez tendo “descoberto” o inconsciente, começou a se debruçar sobre as leis que o regiam e sobre como se dava o relacionamento entre ele e a consciência.

² Trata-se, em primeiro lugar, do livro *Os Chistes e a Sua Relação com o Inconsciente* e, em segundo, do ensaio *O Humor*.

³ No original, *Der Witz und seine Beziehung zum Unbewussten*. Muito se discutiu acerca da tradução do termo *Witz* para o português. Isso ocorre porque essa palavra, no alemão, apresenta muitas denotações e conotações, sem correspondência em nossa língua. Etimologicamente, *Witz* provém de *Witan*, que significa “compreensão”, “entendimento”, e cuja raiz é *wiss*, presente em *Wissen* (“saber”), *Wissenschaft* (“ciência”), e em *das Unbewusste* (“o inconsciente”); *wiss*, por sua vez, remete ao latim *video* (“ver”) e ao grego *eído* (também “ver”). Assim, conforme Mezan: “predomina a ideia de inteligência, irradiando-se para a de “visão” (meio para conhecer) e daquilo que visão e inteligência produzem: conhecimento, saber” (*in* Slavutzky e Kupermann, 2005, p. 140). Ainda, conforme este autor, na língua inglesa, encontra-se o termo *wit*, que remete à agudeza ou finura de espírito, ao engenho e à habilidade ou destreza (*in* Slavutzky e Kupermann, 2005, p. 139-141). Por isso, ele traduziu *Witz* por “piada”, no sentido de um dito mordaz (para além da noção de anedota ou história engraçada). Já a Edição *Standard* Brasileira optou pela palavra “chiste”, que, no entanto, foi muito criticada, pois não apresenta uso corrente em nossa língua. De acordo com o *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, chiste significa: dito gracioso, facéia, piada, pilhéria, gracejo.

Como mencionamos, nesse trabalho optamos por utilizar as palavras chiste, piada, pilhéria, dito espirituoso, dito chistoso *etc.* como sinônimos, mas mantendo como referência as significações apresentadas na língua original.

Para Mezan (2005), 1905 foi um ano muito fecundo para a história da psicanálise: além do livro do *Chiste*, foram publicados os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* e o *Caso Dora* (*in Fragmento da análise de um caso de histeria*). Assim, estaria se consolidando o chamado “primeiro sistema da psicanálise”. Em suas palavras:

A façanha de Freud é das maiores, e o que se completava com os textos de 1905 (entre os quais o livro do *Witz*) era simplesmente o primeiro sistema de psicologia a extrapolar o quadro da descrição literária e a permitir o tratamento das perturbações neuróticas. (Mezan, 2005, p. 132).

Nesse cenário, perguntamo-nos: o que teria levado o pai da psicanálise a se interessar pelo estudo do chiste e do senso de humor? Freud gostava de ouvir e contar piadas, especialmente de judeus, sendo que, em 1897, começou a colecioná-las, conforme carta enviada a Fliess (Masson, 1986). Relacionado a isso, ele possuía um grande interesse pelos jogos de palavras, entrevendo a importância da linguagem no tratamento analítico. De acordo com Mezan:

O interesse de Freud pelos jogos de palavras decorre do peso que tem a linguagem no tratamento analítico: é por meio dela, que tanto expressa quanto oculta ou deforma o pensamento, que se pode ter acesso ao inconsciente. Fino clínico, Freud percebe que a abertura da linguagem para o equívoco, para o duplo sentido e para a alusão sutil é um dos meios pelos quais as fantasias inconscientes podem se manifestar mas, de início, ele apenas registra o fato, sem ainda atinar com sua explicação. (Mezan, 2005, p. 135).

No entanto, é no contexto da investigação sobre os sonhos que se acentuará esse interesse pelas piadas. Por meio de *A interpretação dos sonhos*, Freud descobre uma via privilegiada de acesso ao material inconsciente, possibilitada pelo rebaixamento da consciência, no momento do sono⁴. A partir de então, resta explorar como o inconsciente se manifestaria na vida desperta. Está aberto o caminho para o livro dos chistes...

No caso, Freud está interessado em compreender o seguinte: em que consiste um chiste? Como ele é produzido? E, enfim, quais as relações entre os mecanismos de construção e fruição dos chistes e os diferentes processos mentais?

⁴ De acordo com Birman: “É importante evocar que Freud começou a escrever o livro sobre o chiste ao mesmo tempo em que *A interpretação dos sonhos*. Porém, este foi publicado primeiro, em 1900, cinco anos então antes daquele. In BIRMAN, J. Frente e verso: o trágico e o cômico na desconstrução do poder. In SLAVUTZKY, A.; KUPERMANN, D (orgs.). *Seria trágico... se não fosse cômico* – Humor e Psicanálise. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2005, p. 98.

Nesta obra, ele irá se aventurar por terrenos pouco conhecidos, até então, seguindo um raciocínio indutivo e casuístico, partindo do particular, para chegar ao geral. Será trilhado um caminho inédito, como veremos.

Logo no início do livro, ele aponta que os chistes não estão recebendo a atenção filosófica que mereceriam e se questiona a respeito desse fenômeno. É interessante observar que o próprio Freud reconhece um *status* de 'marginalidade' atribuído ao humor, pelas ciências humanas em geral. Nesse sentido, esta obra se configura como um contraponto.

Como já dissemos, Freud, em sua vida, interessou-se pelo tema das piadas. Assim, é válido descrevermos o primeiro exemplo do livro, onde o agente de loteria Hirsch-Hyacinth se vangloria de suas relações com o rico Barão Rothschild:

É tão certo como deus há de me prover todas as coisas, doutor, sentei-me ao lado de Salomon Rothschild e ele me tratou como um seu igual – bastante familionariamente. (Freud, 1905/2006, p. 25).

De modo a compreender a técnica deste e outros chistes, Freud segue um procedimento que chama de redução e que consiste na “tradução” desses, revelando seus segredos humorísticos. No caso, a anedota é reduzida para o seguinte: Salomon Rothschild tratou-me quase como seu igual, muito familionariamente, isto é, na medida em que isto é possível a um milionário.

Então, a primeira descoberta importante que ele faz é que, dependendo da forma que o chiste é expresso, isso pode lhe atribuir ou retirar o caráter chistoso. No exemplo acima, a forma traduzida mantém o mesmo significado original, porém, perde o efeito de humor. Então, o caráter humorístico da piada não residiria apenas no seu conteúdo, mas também na verbalização que o exprimiria⁵.

Disto, Kupermann (2003) irá destacar a dimensão estética do *Witz*, que será explorada adiante. Por enquanto, adiantamos que, para esse autor, a estética deve ser entendida como o exame das condições nas quais é possível a fruição do prazer frente às produções artísticas e culturais.

⁵ Nessa piada, Freud identifica uma técnica de condensação acompanhada pela formação de um substituto (palavra composta): o efeito chistoso residiria na utilização da palavra (inventada) “familionariamente”, que consiste justamente na junção de “familiarmente” com “milionariamente” e carregaria a ambigüidade dessa justaposição.

Adicionalmente, desde já, identificamos a íntima relação existente entre os chistes e os trocadilhos (jogos de palavras), onde diferentes significados se evocam uns aos outros, através de uma vaga similaridade: “Em um jogo de palavras, segundo nossa concepção, a palavra é também apenas uma imagem fônica, à que se atribui um ou outro significado”. (Freud, 1905/2006, p. 53). Essa citação nos sugere o conceito lacaniano de “significante”, bem como a possibilidade, através da atitude humorística, de “brincar com as palavras”. Esse aspecto também será mais bem explorado adiante, no terceiro capítulo.

Voltando ao livro dos *Chistes*, Freud, interessado em compreender as técnicas das piadas, chegará à conclusão que existem duas formas principais, por meio das quais elas se exprimem: a *condensação* e o *deslocamento*.

No caso da técnica da condensação, trata-se de uma tendência à compressão, ou melhor, à economia, presente em todas as piadas que dela se utilizam. Já na técnica do deslocamento, identifica-se, em comum a todas as piadas que o apresentam, um desvio do curso do pensamento, uma mudança da ênfase psíquica. Ora, com base nisso, Freud logo reconhecerá uma semelhança entre a forma em que se apresentam os chistes e os sonhos.

A esse respeito, Fliess já havia identificado que determinadas interpretações de sonhos feitas por Freud pareciam-lhe espirituosas. Em resposta a isso, esse último elaborou o seguinte comentário:

Certamente é verdade que o sonhador é arguto demais, mas isso não é culpa minha, nem contém nenhuma recriminação. Todos os sonhadores são iguais e insuportavelmente argutos, e precisam sê-lo, porque estão sob pressão e porque a via direta lhes está barrada. Se você achar necessário, incluirei uma observação nesse sentido em algum lugar. A evidente argúcia de todos os processos está intimamente relacionada com a teoria do chiste e do cômico. (Masson, 1986, p. 372).

Como sabemos, para Freud, os sonhos apresentam um conteúdo manifesto (acessível ao sujeito, apesar de parecer confuso e absurdo) e outro latente (inacessível ao sujeito, de origem inconsciente). O processo de transformação dos pensamentos oníricos latentes em sonho manifesto é chamado de elaboração onírica (por meio do qual se realiza o trabalho do sonho). Assim, fazendo uma analogia, da mesma maneira que pensamos sobre o trabalho dos sonhos, poderíamos refletir acerca do “trabalho dos chistes”.

Nessa descoberta freudiana, reside uma das teses centrais do livro, bem como uma das grandes contribuições desse ao desenvolvimento da psicanálise: ao aproximar a linguagem dos chistes à dos sonhos, Freud incluirá o *Witz* dentre as formas de manifestação do inconsciente. E é, justamente, neste ponto que reside a originalidade de sua abordagem.

Com base nisso, o dito espirituoso passa a ser considerado como uma *solução de compromisso* entre o desejo e a censura do humorista; ou, em outras palavras, entre o princípio do prazer e o princípio da realidade, que regem o funcionamento psíquico humano para Freud, neste momento de sua obra. Ademais, o chiste é incluído, junto ao sonho, ao lapso, ao ato falho e aos sintomas, descritos na *Psicopatologia da Vida Cotidiana*, no conjunto dos fenômenos psíquicos.

Após exaurir o estudo das técnicas dos chistes, Freud se mostra interessado em investigar qual seria a finalidade desses. Para tanto, divide-os em dois tipos diferentes: em primeiro lugar, os “chistes tendenciosos”, que são aqueles que serviriam a um fim, a um propósito (não são um fim em si mesmos) e, em segundo, os “chistes inocentes”, ou seja, aqueles que não serviriam a um objeto particular (são um fim em si mesmos).

Essas últimas, as piadas inocentes, colocam a temática do *Witz* em sua forma mais pura e, por meio delas, o psicanalista depreende que sua característica essencial é proporcionar prazer e riso ao espectador, por meio de sua forma de expressão. Encontramos, assim, um novo atributo dos chistes: a produção de prazer.

Além disso, Freud observa que os chistes tendenciosos possibilitariam experiências ainda mais intensas de prazer (expressas por explosões de riso).

Por que ocorre essa diferença no grau produzido de prazer? Segundo ele, os chistes tendenciosos, em virtude de seus propósitos, deveriam ter fontes de prazer disponíveis, às quais os chistes inocentes não acessariam. Esses propósitos seriam os seguintes: agressividade, sátira, defesa, desnudamento, blasfêmia, crítica e ceticismo. Ou seja, tudo aquilo que chamaríamos de “politicamente incorreto” ou intenções proibidas, conforme Mezan (2005, p. 147/148).

Freud identifica, então, que tais chistes (tendenciosos) teriam se formado com o objetivo de “driblar” um obstáculo, qual seja, a censura a uma expressão de conteúdo manifestamente sexual ou hostil. Por isso afirma:

Aqui finalmente compreendemos o que é que os chistes executam a serviço de seu propósito. Tornam possível a satisfação de um instinto (seja libidinoso ou hostil) face a um obstáculo e assim extraem prazer de uma fonte que o obstáculo tornara inacessível. (Freud, 1905/2006, p. 101).

De acordo com Mezan, as piadas tendenciosas operam da seguinte forma: “a vestimenta inocente ou engenhosa engana a censura e, quando a piada é entendida, a inibição que pesava sobre tais ideias passa a ser supérflua – o inconsciente se torna consciente” (Mezan, 2005, p. 148). Percebemos que, por meio desses artifícios (que consistem na técnica dos chistes), uma tendência ou intenção de origem inconsciente encontra um meio de expressão, por mais que indireto.

Adicionalmente, para esse autor, Freud, ao discutir as piadas hostis, oferece a primeira análise da agressividade que encontramos em sua obra, apesar de por enquanto, não lhe atribuir o estatuto de uma pulsão independente (Mezan, 2005, p. 151).

O obstáculo ou a censura que os chistes procuram contornar podem ser de natureza interna ou externa. No que tange àqueles de natureza interna, estamos diante daquilo que Freud nomeará de recalque (ou repressão⁶).

Como sabemos, para Freud, a civilização e a educação de nível mais alto influenciam no desenvolvimento do recalque. Ou seja, a atividade repressiva da civilização faz com que as possibilidades primárias de fruição sejam repudiadas pela censura e se percam. Este pensamento irá influenciar toda a obra freudiana, culminando na tese exposta em *O Mal Estar na Civilização*. Em suas palavras:

Desde nossa infância individual, e, similarmente, desde a infância da civilização humana, os impulsos hostis contra o próximo têm-se sujeitado às mesmas restrições, à mesma progressiva repressão, quanto nossas tendências sexuais. (Freud, 1905/2006, p. 102)

⁶ Nesse trabalho, utilizaremos os termos “repressão” e “recalque” como sinônimos.

Da mesma maneira que podemos observar uma ‘evolução’ (caminhar) da civilização, o mesmo pode ser constatado nos chistes. Então, no que tange à psicogênese dos chistes, ou seja, à sua origem, o psicanalista indica que eles teriam derivado dos jogos e gracejos infantis.

Os jogos apareceriam nas crianças pequenas, que estão aprendendo a usar as palavras, e as utilizam incorretamente. Desse modo, nestes jogos as crianças se deparariam com efeitos gratificantes das combinações de palavras (primeiro estágio de desenvolvimento dos chistes).

Já os gracejos surgiriam em uma idade posterior, quando a faculdade crítica ou a racionalidade já estariam desenvolvidas (segundo estágio de desenvolvimento dos chistes). Nesse sentido, os gracejos responderiam basicamente a dois esforços: evitar a crítica e encontrar um substitutivo para o estado de espírito dos jogos. Assim, neles já estariam presentes as mesmas técnicas empregadas nos chistes.

Segundo Freud, os chistes consistiriam em um desenvolvimento dos gracejos, com o seguinte acréscimo: “quando um gracejo possui “substância e valor”, torna-se um chiste” (1905/2006). Por isso, afirma o seguinte:

Um chiste é agora enfocado como um fator psíquico munido de poder: seu peso, avaliado em uma ou outra escala, pode ser decisivo. Os principais propósitos e instintos da vida mental empregam-no para seus próprios fins. (Freud, 1905/2006, p. 129).

Ou então:

Onde a argumentação tenta aliciar a crítica do ouvinte, o chiste se esforça por tirá-la de campo. (Freud, 1905/2006, p. 129).

Assim, conforme Kupermann, Freud entende por “substância e valor” justamente a *apropriação das* “‘puras’ (...) e gratuitas técnicas de produção de prazer encontradas nos jogos e gracejos pelos ‘principais propósitos e instintos da vida mental’” (2003, p. 42). Essa noção da psicogênese do *Witz* está articulada, portanto, às noções de piadas inocentes e tendenciosas.

Mezan destaca que tal raciocínio acerca da origem do *Witz* nos jogos e gracejos é relevante na medida em que demonstra a *permanência no adulto de certos modos infantis de se obter prazer*. Ele sublinha que Freud escreveu esse livro no mesmo momento dos *Três Ensaios*, sendo que o vínculo entre esses dois textos seria, justamente, a *criança sempre viva com todos*

os seus *impulsos*⁷. Isso faz com que o *infantil* surja como um dos conceitos centrais da psicanálise (Mezan, 2005, p. 154). Assim:

Com efeito, tanto na esfera do pensamento quanto na da sexualidade existe uma linha ininterrupta que vai da primeira infância até a fase adulta: no primeiro caso, dos jogos de linguagem ao gracejo e deste ao *Witz*; no segundo, das pulsões parciais até a unificação delas sob a primazia do genital. Em ambos, uma coerção proveniente da inserção do sujeito na ordem social impõe-se a formas de “auto” obter prazer. Esta força representa, do ponto de vista da tendência à gratificação imediata, um obstáculo (...). Por outro lado, a coerção unificadora não implica o desaparecimento do que a antecedeu ... (Mezan, 2005, p. 154/155).

Agora, voltando a Kupermann, esse indica que o pai da psicanálise, ao relacionar a produção dos chistes às necessidades de contornar a censura e de proporcionar prazer, estabeleceu *a relação definitiva entre as piadas e o inconsciente recalcado* (2003, p. 42).

Nesse sentido, Freud descreve uma dinâmica de funcionamento do aparelho psíquico, que se centra em um modelo regido pela oposição entre a instância recalcadora e o inconsciente recalcado (primeira tópica).

Em seguida, ele irá procurar compreender de onde deriva o prazer que é produzido pelas piadas. Assim, ele nos explica que, para o sujeito manter uma inibição, é necessário um gasto de energia psíquica, sendo que, se tal inibição for contornada, o montante de energia até então utilizado para mantê-la se tornará supérfluo e poderá ser descarregado.

Então, a produção do prazer humorístico derivaria, portanto, de economia desta despesa psíquica (necessária para manter a inibição). Este processo, segundo Mezan, *em termos dinâmicos, equivale ao levantamento de uma repressão* (2005, p. 148).

No entanto, nesse momento, Freud privilegia uma visão econômica (ao invés de dinâmica) do fenômeno. Daí decorre seu entendimento que os chistes observam o chamado “princípio da economia” (de despesa psíquica). De acordo com Mezan (2005), o princípio da economia governa tanto a técnica quanto a dinâmica do chiste.

Próximo passo: identificamos que essa “economia psíquica” não se dá da mesma maneira em quem cria e em quem escuta uma piada. Tanto é que o psicanalista diferencia expressamente os processos psíquicos envolvidos na *construção* do chiste e os processos

⁷ Assim referida na *Interpretação dos Sonhos*.

psíquicos envolvidos na *interpretação* do chiste. Para ele, no primeiro caso, estaríamos investigando o que move o artista; no segundo, o que move o apreciador de arte.

Do ponto de vista de quem escuta o chiste, normalmente observamos a emergência do riso, caso a piada tenha atingido o seu objetivo. Vamos estudar esse fenômeno:

Freud nos indica que o riso corresponde justamente ao montante de energia liberada para a descarga motora, conforme o descrito logo acima. Assim:

Nosso *insight* do mecanismo do riso leva-nos antes a dizer que, devido à introdução da idéia proscrita através da percepção auditiva, a energia catéxica usada para a inibição torna-se agora subitamente supérflua, sendo pois suspensa e portanto descarregada pelo riso. (Freud, 1905/2006, p. 143).

Com base nisso, para Kupermann, o riso, presente em maior ou menor grau desses processos, surge como o *resultado visível* da economia psíquica efetuada (2003, p. 40).

Ainda, conforme Dugas e outros autores franceses (*apud* Freud, 1905/2006, p. 141), o 'rir' corresponderia a um fenômeno de relaxamento de tensão. Mezan (2005) também irá trabalhar essa questão: ele chamará de princípio de inércia a tendência ao esvaziamento, ou seja, ao nível mínimo de tensão, se possível igual a zero. Nesses termos, energia liberada significaria produção de prazer.

Podemos observar que esse entendimento está em consonância com a primeira tópica freudiana, onde o prazer é resultante da liberação de energia represada, em uma dinâmica que oscila entre a tensão e o relaxamento.

Para o filósofo francês, Bergson, que viveu na mesma época em que Freud e escreveu o ensaio *Le rire*, o riso é visto como aquilo que distingue os homens dos outros animais. Conforme Silva (2006), este pensador entende a sociedade a partir de dois eixos principais – o da adaptação e o da possível transgressão –, sendo que o riso se insere nesses dois eixos por meio de um tipo específico de relação de sociabilidade, em que apresenta um duplo aspecto. De um lado, o riso do reconhecimento de traços que conhecíamos antes e, de outro, o riso daquilo que é o incômodo provocado no interlocutor por determinada transgressão.

Enfim, Mezan se mostra intrigado em compreender de que maneira um prazer produzido por um processo que se efetua no plano do pensamento esteja relacionado ao rir, que é um fenômeno essencialmente corporal. Para responder a essa questão ele irá se reportar a Koestler (*apud* Mezan, 2005), o qual afirma que as contrações musculares do sorriso corresponderiam à

primeira manifestação do alívio da tensão e, assim, progressivamente, se tornariam vias de menor resistência.

A esse respeito, no livro dos chistes, há uma nota de rodapé na qual Freud relaciona o mecanismo do riso à satisfação do bebê que acabou de mamar, considerando essa situação como o modelo de todas as satisfações sexuais posteriores.

Já do ponto de vista de quem constrói a piada, não encontramos o riso, porém identificamos sua necessidade de contar a piada para um outro (terceiro), o qual complementaria o prazer do primeiro. Por que isso ocorre? Se a inibição também foi removida no autor do chiste, isso aconteceu com a quota de energia empregada para mantê-la no lugar? Freud dá de ombros: responde que tal energia foi empregada na produção da própria piada!

No entanto, o mesmo Freud também afirma que não conseguiu esclarecer satisfatoriamente esse processo. Desse modo, permanece, ainda, ao menos, a segunda questão. De modo a solucioná-la, Mezan (2005) defende o seguinte argumento: para ele, a comunicação da piada ao outro serve a várias finalidades, em especial, a de garantir ao seu autor que se trata de uma boa piada, que ele é inteligente o bastante para tê-la feito *etc.*. Ou seja, estaríamos diante de um prazer de origem narcísica, ligado à imagem que o indivíduo faz de si próprio. Esse autor chamará esse processo de “circuito do prazer”.

A partir de tal “circuito”, tendo em vista que as pessoas não se contentam em fazer piadas para si próprias, exigindo um outro (espectador), aproximamo-nos, agora, do aspecto social dos chistes.

Freud afirma expressamente que os chistes tendenciosos exigem três pessoas para que seu processo seja completo – a primeira pessoa, que faz o chiste; a segunda pessoa, que é tomada como objeto do chiste (da agressividade hostil ou sexual) e, finalmente, a terceira pessoa, na qual se cumpre o objetivo de produzir prazer.

Para reforçar esse argumento, cita Shakespeare:

A fortuna de um gracejo reside no ouvido
De quem escuta, nunca na língua
De quem o faz... (Freud, 1905/2006, p. 139).

Portanto, Freud concebe os chistes como sendo *fenômenos sociais*. Mezan, citando Freud, afirma o seguinte: *O Witz é, em outros termos, um “jogo desenvolvido”, e, nesta medida, “a mais social das atividades mentais que visam à consecução do prazer”* (2005, p. 162).

A esse respeito, Kupermann defende que a piada pode proporcionar um verdadeiro contágio social. Para ele, o chiste acena para a constituição de um laço social, que não tenha como destino necessário o mal estar. Aliás, o humor possibilitaria um modo de sociabilidade diferente daquele do grupo ou da massa⁸, nos quais vigoraria a padronização, a proibição do pensamento individual e a pobreza erótica. Nas palavras deste autor:

O prazer proporcionado pela transgressão realizada pela piada é sobretudo, e necessariamente, um prazer coletivo, um prazer político, que parece estar relacionado à produção de um afeto que solicita ser partilhado e transmitido de uma forma bastante característica. (Kupermann, 2003, p. 152).

Esse afeto seria o entusiasmo. Para desenvolver seu argumento, Kupermann recorre ao filósofo Kant, a partir da análise feita por Foucault. No contexto da revolução republicana moderna, em resposta à pergunta “o que é o esclarecimento?”, Kant valorizaria o entusiasmo que ele pôde despertar, juntamente com a saída do homem de seu estado de minoridade política (2003, p. 154).

Ainda, no que concerne à comunicação do dito espirituoso a outra pessoa, Freud identifica que toda piada *requer seu próprio público*, sendo que tal público corresponderia a pessoas com semelhante conformidade psíquica. Essa constatação se mostra interessante, na medida em que aproxima a fruição de um chiste às neuroses, por exemplo. Em outras palavras, os homens neuróticos, por participarem das mesmas restrições às suas tendências (sexuais e hostis), como descrito na origem dos chistes, impostas pela cultura e pelo juízo crítico, poderiam rir em conjunto, compartilhando de sua condição.

Ademais, os chistes só produzem um efeito integral no ouvinte se forem novidade para ele, ou seja, se chegarem a ele como uma surpresa. Seria interessante mantermos esse aspecto em mente, pois ele nos será bastante útil no terceiro capítulo, quando discutiremos a presença do humor na clínica.

⁸ Descrita por Freud em *Psicologia de Grupo e análise do ego* ou em *O futuro de uma ilusão*.

Conforme Freud, as técnicas dos chistes são determinadas por duas espécies de propósitos: aqueles que garantem a construção do chiste na primeira pessoa e aqueles que pretendem garantir ao chiste um efeito maximamente agradável na terceira pessoa. Nesse sentido, afirma “O chiste é assim um velhaco hipócrita, servidor, a um só tempo, de dois amos” (Freud, 1905/2006, p. 148).

Essa citação lembra-nos, em grande medida, outra descrição freudiana, onde ele discute as relações entre as diferentes instâncias psíquicas – id, ego e superego –, já na segunda tópica. Essa proximidade entre o *Witz* – dividido entre a busca pelo prazer e a censura – e os conflitos internos de cada sujeito – dividido entre suas pulsões e as exigências do ideal de eu – será melhor explorada no segundo capítulo.

Em seguida, Freud retomará a questão da relação entre os chistes e os sonhos. Como vimos, o pai da psicanálise identifica que as mesmas técnicas – condensação e deslocamento – estão presentes na construção do chiste e na “gramática do sonho”. Mas, a despeito dessas semelhanças, ele também reconhece diferenças quanto às funções que essas técnicas cumprem em ambos.

Nesses termos, o sonho seria um produto mental completamente associal, ininteligível ao próprio sujeito, que emergiria nele como uma solução do compromisso entre as forças mentais que nele lutam, veiculando um desejo irreconhecível e retendo conexão com os principais interesses da vida.

O chiste, por sua vez, seria a mais social de todas as funções mentais que objetivaria a produção de prazer, preso à condição de inteligibilidade, convocando frequentemente a participação de terceiros e utilizando a distorção no inconsciente (condensação e deslocamento) até o ponto que possa ser reconstruído pela compreensão da terceira pessoa. Enfim, um jogo desenvolvido que procura obter uma pequena produção de prazer da simples atividade mental, desimpedida de qualquer necessidade. Então, afirma: “Os sonhos servem predominantemente para evitar o desprazer, os chistes para a consecução do prazer; mas para estas duas finalidades convergem todas as nossas atividades mentais” (Freud, 1905/2006, p. 169).

Finalmente, Freud propõe-se a fazer uma última tarefa: diferenciar o chiste, o cômico e o humor. Apesar das diferenças que serão descritas, ressaltamos que, conforme o psicanalista, tanto o chiste quanto o humor, seriam subespécies do cômico.

Começemos comparando o cômico e a piada; ora, do ponto de vista da economia do processo, essa se difere nos dois casos. O cômico se completa com apenas duas pessoas – a primeira que constata o cômico e a segunda em quem se constata. Ao contrário, a piada, completa-se com três pessoas. Adicionalmente, entende-se que uma piada é *feita*, enquanto que o cômico é *constatado*.

Por outro lado, o cômico frequentemente serve de fachada ao chiste, sendo que há um tipo específico de cômico, o “ingênuo”, que muitas vezes se confunde com a piada⁹.

Em se tratando do cômico, há também uma produção de prazer e uma descarga através do riso. No entanto, esses ocorrem devido a processos de empatia e comparação entre duas pessoas (e dois estados psíquicos). Ou seja, entre aquela que constatou o cômico e aquela na qual ele foi constatado. Por exemplo, rimos dos movimentos do palhaço, pois eles nos parecem extravagantes e inconvenientes. Rimos, assim, de uma despesa julgada grande demais (ou pequena demais), conforme o caso.

Porém, para Freud, a maior diferença entre o cômico e o chiste reside em suas localizações psíquicas: a fonte de prazer desse último está no inconsciente, enquanto que, no primeiro, o prazer se origina da comparação entre duas despesas, que ocorre no pré-consciente. Assim temos que: “Os chistes e o cômico distinguem-se principalmente em sua localização psíquica; *pode-se dizer que o chiste é a contribuição feita ao cômico pelo domínio do inconsciente*” (Freud, 1905/2006, p.194).

Passemos agora ao humor. Para introduzi-lo, Freud contará a seguinte piada: em uma segunda feira, um condenado à forca, a caminho de sua execução, diz o seguinte: “pois é, a semana começa bem!”.

Como podemos constatar, este é um bom exemplo de humor negro e o efeito inesperado está no fato que nós, como ouvintes, preparamo-nos para sentir compaixão do condenado, mas, ao perceber que ele próprio não se sente dessa maneira, não precisamos mobilizar esse afeto, que se torna inútil e pode ser, enfim, descarregado. Dessa maneira, no humor, podemos dizer que há a economia de um afeto penoso. Freud assim descreve a metapsicologia desse processo:

⁹ Segundo Freud, o ingênuo ocorre quando alguém desrespeita completamente uma inibição, inexistente em si próprio. Assim, no caso, esse alguém parece vencê-la sem nenhum esforço. Do ponto de vista técnico (ou formal), o ingênuo poderia muito bem ser considerado um chiste. O que irá diferenciá-lo desse último é a questão da intencionalidade – quem fez um chiste pretendeu fazê-lo.

“Ora, o humor é um meio de obter prazer apesar dos afetos dolorosos que interferem com ele; atua como um substitutivo para a geração destes afetos, coloca-se no lugar deles.” (Freud, 1905/2006, p. 212).

Com base nisto, as espécies de humor variam de acordo com a natureza de emoção economizada (em favor do humor), que pode ser de compaixão, raiva, dor, ternura, horror, repulsa, etc..

Freud afirma que o prazer humorístico origina-se de uma técnica comparável ao deslocamento, na qual a liberação de um afeto para o qual nos preparávamos é desapontada e o investimento se desvia para algo mais, de importância secundária. Mas que forças possibilitariam este processo?

O deslocamento humorístico só é possível quando é ofuscada a atenção consciente, tal como no caso da comparação cômica; como esta última, está preso à condição de permanecer pré-consciente ou automático. (Freud, 1905/2006, p. 216).

Nesse sentido, Freud irá aproximar o fenômeno humorístico dos mecanismos de defesa, relacionando-o, novamente, ao desenvolvimento das psiconeuroses. Para ele, *o humor pode ser considerado como o mais alto desses processos defensivos* (1905/2006), na medida em que descobre os meios de retirar energia da liberação de desprazer, já em preparação, transformando-o em prazer.

Ainda, para ele, a atitude humorística poderia estar em conexão com o infantil, ocorrendo uma exaltação do ego adulto que, ao se comparar com o ego infantil, diria: “sou grande demais (ou bom demais) para ser atingido por essas coisas” (Freud, 1905/2006, p. 217).

Nessa atitude de exaltação, Mezan (2005) identifica, novamente, uma atitude narcisista. No entanto, ressalta que Freud, no texto, atém-se à explicação desse processo nos termos da economia psíquica.

De maneira categórica, Freud encerra seu ensaio:

O prazer nos chistes pareceu-nos proceder de uma economia na despesa com a inibição, o prazer no cômico de uma economia na despesa com a ideação (catexia) e o prazer no humor de uma economia na despesa com o sentimento. Em todos os três modos de trabalho do nosso aparato mental, o prazer derivava de uma economia. Todos os três concordavam em representarem métodos de restabelecimento, a partir da atividade mental, de um prazer que se perdera no desenvolvimento daquela atividade. Pois a euforia que nos esforçamos para atingir através destes meios nada mais é que um estado de ânimo comum em uma época de nossa vida quando costumávamos operar nosso trabalho

psíquico em geral com pequena despesa de energia – o estado de ânimo de nossa infância, quando ignorávamos o cômico, éramos incapazes de chistes e não necessitávamos de humor para sentir-nos felizes em nossas vidas. (Freud, 1905/2006, p. 218/219).

Uma vez visitada a obra dos *Chistes*, gostaríamos de prosseguir essa discussão com uma provocação: de acordo com Ernst Jones (1989), o livro do *Witz* foi o menos lido pelos psicanalistas durante várias décadas. Na realidade, foi Lacan quem resgatou a importância dessa obra (e sua problemática) para o pensamento psicanalítico, ao identificar nela as bases para a sua tese que o inconsciente é estruturado na forma de linguagem.

No entanto, salvo Lacan e outras raras exceções, a verdade é que a maioria dos estudiosos da área pouco se interessou pelo texto e seus possíveis desdobramentos. Ora, por que isto aconteceu? Esperamos que a exposição acima tenha contribuído para demonstrar a riqueza de conceitos e descrições existentes nesse livro... Assim, acreditamos que é hora de procurarmos responder a essa indagação.

Além disso, de acordo com Mezan (2005), o próprio Freud apresentou uma atitude ambivalente com relação ao livro. Por exemplo, em sua Autobiografia, onde disse: “considero mais importantes do que este estudo as minhas contribuições sobre a psicologia da religião, iniciadas em 1907.” (*in* Mezan, 2005, p. 134). Ou então, devido ao fato que, uma vez publicado o livro, Freud praticamente não o retocou (contrariando seu hábito).

Por outro lado, como mencionamos anteriormente, em carta a Ferenczi, o pai da psicanálise mencionou o texto dos *Chistes* como algo positivo em sua vida e que só acontecia a cada sete anos. Com base nisso, de certo modo brincando com o argumento freudiano, Mezan sugere:

Tudo se passa como se, após despender um enorme esforço para elucidar os processos psíquicos envolvidos no *Witz*, Freud tivesse se desinteressado do assunto, ao menos do ponto de vista teórico – e não porque este já estivesse suficientemente esclarecido... (Mezan, 2005, p. 135).

Novamente, qual o motivo desse texto ter sido relegado ao segundo plano, pelo próprio Freud? E mais: por que os psicanalistas posteriores e contemporâneos a Freud pouco o valorizaram?

Jones e Strachey (*apud* Mezan, 2005) sugerem que um possível motivo seria a dificuldade de se apreender o conteúdo deste livro, tendo em vista, principalmente, as análises particulares das anedotas, que descreveriam complicados processos psíquicos.

Já para Mezan, a sofisticação de tais análises particulares não encontraria uma teorização à altura, ou seja, a discussão individual de cada piada estaria em descompasso com relação ao embasamento teórico geral, apontado na obra:

O livro do *Witz* apresenta assim, ao leitor que conhece os desenvolvimentos posteriores da psicanálise – e isto vale já para os anos seguintes à sua publicação –, um aspecto ligeiramente *démodé*, diríamos talvez precocemente envelhecido. (Mezan, 2005, p. 176).

A despeito destas contradições, esse livro traz determinados aspectos novos e valiosos, que merecem ser descritos:

Em primeiro lugar, representa um avanço considerável na compreensão do pensamento infantil, a partir das noções do prazer obtido com os jogos de palavras, bem como nas passagens em que fala do desamparo da criança. Em segundo, traz a primeira descrição minuciosa dos sentimentos de hostilidade, que, na formação dos chistes, ocupam um lugar considerável. Em terceiro, apresenta o “ponto de vista econômico”, no caso utilizado por Freud como chave para compreender toda a dinâmica do chiste, até demasiadamente, segundo Mezan. Em quarto, e em último, aponta vislumbres sobre o funcionamento narcísico, como, por exemplo, no prazer que o riso do espectador provoca no autor do chiste e a sensação de exaltação do ego que encontramos no humor (Mezan, 2005).

Para Birman (2005), o estudo de Freud sobre o *Witz* traz uma novidade e uma originalidade, do ponto de vista teórico, ao efetivar o deslocamento da temática do riso para a do chiste (na qual o riso se inscreve). Nestes termos:

Assim, se o riso tem efetivamente uma *função econômica* no psiquismo, como foi apontado por toda a tradição teórica pré-freudiana, o próprio Freud, no entanto, coloca ênfase na formação psíquica do chiste. Foi para este que o discurso freudiano se voltou, para inscrevê-lo numa tópica psíquica fundada agora no inconsciente, destacando então as dimensões do *sentido* e do *desejo* presentes na produção do chiste pelo sujeito. (Birman, 2005, p. 101).

Kupermann (2003), por sua vez, também destaca os pontos brilhantes do texto dos *Chistes*. Antes de tudo, ele reafirma o entendimento que a produção e fruição de prazer consistem em características fundamentais destas formações psíquicas.

Em seguida retoma, em sua opinião, aquele que seria o argumento central de Freud: nos três casos (chiste, cômico e humor) há uma produção de prazer derivada de uma economia realizada na despesa psíquica; o que irá variar em cada caso é a fonte da qual provém esta economia. Desta forma, temos: a) os chistes, onde ocorre uma economia na despesa com a

inibição (recalque), tendo em vista que a piada é manifestação do recalado; *b*) o cômico, no qual ocorre uma economia na despesa com o investimento em alguma representação que se torna supérflua e *c*) o humor, onde ocorre uma economia na despesa com o “sentimento”, ou melhor, com algum afeto desprazeroso que o sujeito deixa de experimentar (Kupermann, 2003).

Assim, é introduzido o ponto de vista econômico, que permeia toda essa obra. Essa noção pertence à metapsicologia freudiana. Como a própria palavra indica, metapsicologia corresponde a tudo aquilo que está *além* da psicologia da época, ou seja, do estudo da consciência. Nesse sentido, a metapsicologia de Freud está baseada em três aspectos: tópico, dinâmico e econômico:

O aspecto tópico consiste nas descrições baseadas no “lugar” das instâncias psíquicas, onde temos a divisão: consciente, pré-consciente e inconsciente (primeira tópica) e id, ego e superego (segunda tópica). O aspecto dinâmico, por sua vez, refere-se às forças e conflitos que estão em jogo na dinâmica psíquica: esse é o caso das defesas, por exemplo. Por fim, o aspecto econômico, concerne ao modo como as energias estão distribuídas.

Então, identificamos que Freud, nesse momento, aborda os chistes privilegiando esse último viés. Aliás, de acordo com Mezan (2005) haveria mesmo um excesso na utilização desse, provocada pelo entusiasmo de Freud por sua descoberta, sendo que os outros dois pontos de vista metapsicológicos só serão desenvolvidos em 1915.

Porém, para Kupermann (2003), o que Freud apresenta de mais relevante no texto seria uma contribuição para a questão da estética, que não se restringe às considerações acerca da economia na despesa psíquica. Segundo esse autor, a partir da ideia de psicogênese das piadas, como derivadas dos jogos e gracejos, estabeleceu-se definitivamente a relação entre as piadas e o inconsciente recalado. Em decorrência disso, esse autor se pergunta: como o inconsciente encontra “forças” para superar o recalque ao qual está submetido? E mais, de que modo a transgressão da repressão pode levar a uma experiência de prazer, ao invés de desprazer?

Para enfrentar estas questões, Freud postulou o chamado “prazer preliminar”, o qual seria produzido pelos jogos e gracejos e não estaria referido à suspensão do recalque, apesar de sofrer a inibição de outras fontes, como a razão e o juízo crítico. Ora, no entanto, Freud não esclarece inteiramente esse enigmático conceito. O que sabemos, conforme Kupermann, é que:

(...) a economia na despesa com o recalçamento tem como condição de possibilidade esse obscuro e pouco desenvolvido conceito de prazer preliminar que, ao que tudo indica, é a fonte primária da fruição de todo prazer estético propriamente dito. O homem é assim, antes de todo e qualquer recalçamento, um “incansável buscador do prazer”, e a fonte primária dos processos produtores de prazer nos chistes, no cômico em geral e também no humor está remetida às “velhas liberdades” que marcam o infantil. (Kupermann, 2003, p. 44).

Ainda referente ao princípio do “prazer preliminar”, Mezan o relaciona ao mecanismo de gatilho, descrito nos *Três ensaios*, onde Freud, ao abordar a relação sexual, afirma que o prazer sexual final é suscitado por uma série de movimentos preliminares (a excitação das zonas erógenas). Para este autor, esse mesmo princípio governa o sonho, a piada e a pulsão sexual e poderia ser formulado de seguinte forma: *a conseqüência é muitíssimo mais intensa do que o estímulo que a fez surgir* (Mezan, 2005, p. 149).

De qualquer forma, Kupermann indica que a dimensão estética implicada na produção do prazer é problemática em Freud.

Mezan, por seu turno, identifica outra idéia especialmente fecunda (e polêmica) no livro: trata-se da questão do estatuto (e do enigma) do prazer. Conforme seu entendimento, Freud trabalha, no caso, com uma teoria oficial do prazer (teoria explícita) – vinculada ao ponto de vista econômico –, porém os fenômenos que aborda exigem outra teoria desse sentimento. Assim: “O prazer, diz Freud, é uma sensação que nasce e morre no interior da psique, e consiste na percepção interna de que uma tensão foi eliminada”. (Mezan, 2005, p. 177).

De acordo com Schneider (*apud* Mezan, 2005), tal entendimento sobre o prazer, que seria a teoria explícita, envolve uma fantasmática anal, na medida em que enfatiza a expulsão da excitação, deixando para o sujeito as opções de controlá-la ou expulsá-la.

Ora, haveria, no entanto, outro tipo de prazer, de natureza oral, caracterizado pela receptividade e pela abertura a experiências de contato com o outro. Esta forma de prazer pode ser encontrada na atitude de um admirador de uma obra de arte, por exemplo, e, semelhantemente, na atitude de um ouvinte de um dito espirituoso.

Existiria, ainda, um terceiro tipo de prazer, também sugerido no texto dos chistes, que corresponde àquele de origem narcísica. Segundo Mezan, “trata-se da sensação de contentamento consigo mesmo, que pode surgir em ocasiões muito variadas” (2005, p. 188). Para esse autor, essa sensação relaciona-se a um “sentimento de vitória”, o qual pode corresponder à aproximação entre o ego e o ideal de ego.

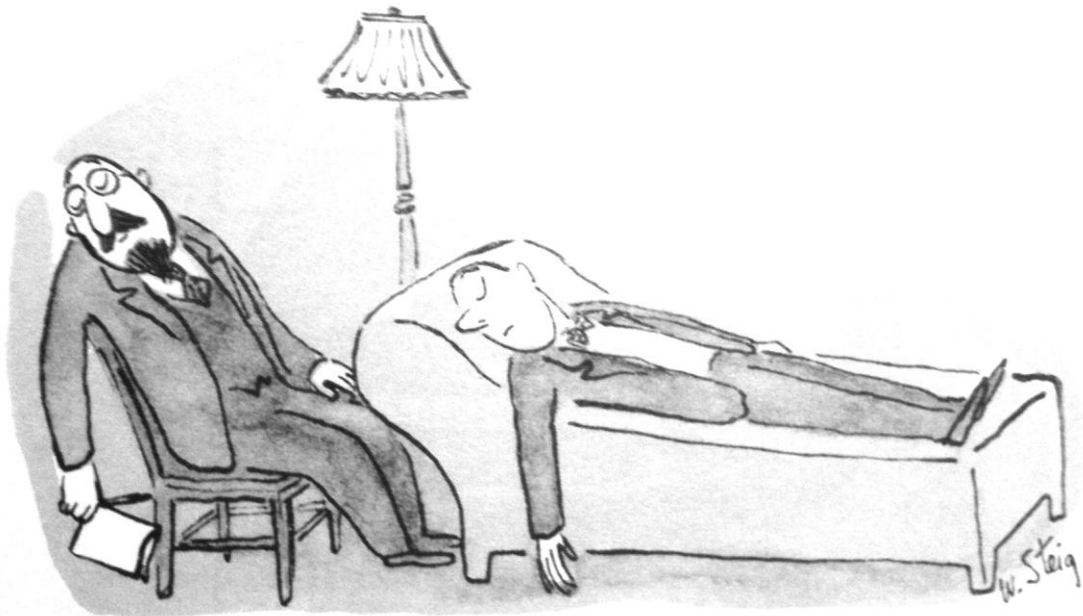
Portanto, o modelo desenvolvido no *Witz* possibilita construir um novo entendimento do prazer, agora referido à experiência estética e ao prazer narcísico. Isso nos leva, enfim, a uma aproximação com o conceito de sublimação.

Aliás, tanto Mezan quanto Kupermann, são expressos ao identificar a relação entre os processos chistosos e a sublimação. Vejamos:

Fazer um *Witz* é, claramente, uma das maneiras de sublimar nossa libido ou nossa agressividade. (Mezan, 2005, p. 190).

(...) a metapsicologia do humor se oferece como paradigma para o entendimento do processo de criação sublimatória na psicanálise. (Kupermann, 2003, p. 24).

Assim, percebemos como esses dois autores, por nós utilizados como referências nesse capítulo, chegam a conclusões semelhantes, apesar de empreenderem caminhos distintos. Ambos apontam para a questão da dimensão estética, bem como para a noção de sublimação. Todavia, o conceito de sublimação é um dos mais controvertidos na psicanálise e por isso merece uma atenção mais cuidadosa, que lhe será dada no próximo capítulo, quando nos situaremos na segunda tópica freudiana.



3. Uma leitura de *O Humor*

Em 1927, vinte e dois anos após ter escrito o texto dos *Chistes*, Freud elabora um curioso ensaio intitulado *O Humor*, para ser apresentado no X Congresso Psicanalítico Internacional, ocorrido em *Innsbruck*. Neste mesmo ano, o psicanalista também escreve o importante livro *O Futuro de uma Ilusão*.

De acordo com Kupermann (2003), trata-se de um pequeno texto, redigido em cinco dias, no final de Agosto, endereçado ao X Congresso – Freud não compareceu a ele, por motivos de saúde, entregando o escrito à sua filha Anna, que o leu em seu nome na abertura do evento.

Considerando este cenário, um primeiro enigma nos é apresentado: porque Freud escolheu justamente o tema do humor para este Congresso, mais de 20 anos após a publicação dos *Chistes*, e em um momento que sua produção teórica caminhava no sentido daquilo que iria deflagrar no pessimista *Mal Estar na Civilização*?

Não temos a pretensão de solucionar esse enigma, mesmo porque, no limite, isso não seria possível. No entanto, gostaríamos de deixar essa dúvida em suspenso, uma vez que ela ilustra a tensão existente, a nosso ver, em todo o percurso freudiano, apontando para as diferentes facetas do autor e as contradições que ele carrega consigo, em sua vida e obra.

Antes de prosseguir com o texto, vamos fazer uma breve contextualização do momento teórico em que esse artigo foi escrito. Os textos freudianos desse período são considerados como pertencentes a uma fase madura do pensador. Afinal, agora, Freud já havia postulado sua segunda tópica, com as noções de id, ego e superego. Adicionalmente, havia desenvolvido os conceitos de narcisismo e de pulsão de morte. Tudo isto será fundamental para preencher algumas das lacunas deixadas no texto anterior, dos chistes. Por outro lado, também verificaremos, nas próximas linhas, que novas questões e contradições serão colocadas... Tratemos do humor, então.

Freud inicia esse texto retomando o texto dos *Chistes*, estudado no capítulo anterior. Porém, agora, ele irá se debruçar especificamente sobre a questão do humor, introduzido na última seção daquele livro.

Também será retomada a piada do criminoso condenado à forca, que, sendo levado a ela por seus algozes, numa segunda feira, comenta: “Bem, a semana está começando otimamente!” (Freud, 1927/2006, p. 165), que descrevemos no capítulo anterior.

Assim, no ensaio sobre o *Humor*, Freud inicia seu argumento afirmando que, no volume dos *Chistes*, o havia considerado apenas do ponto de vista econômico, tendo demonstrado que a produção de prazer surgia de uma economia de gasto em relação a um sentimento. Então, desde já, notamos que, nesse texto, ele procurará desenvolver outra abordagem do fenômeno.

Em seguida, coloca que a atitude humorística pode se perfazer de duas diferentes maneiras: ela pode ser dirigida ao próprio ‘eu’ do indivíduo ou a outras pessoas. Na anedota do condenado, temos um exemplo do primeiro caso: o próprio condenado produz o humor, sendo que esse processo se completa em sua pessoa, concedendo-lhe até um senso de satisfação.

Aliás, Mezan (2005), ao fazer a passagem do conceito do cômico para o humor, afirma que, se tomarmos como parâmetro a pessoa objeto do cômico (ou seja, a segunda pessoa, aquela de quem se ri), essa não se vê como cômica. Porém, pode, por seu turno, economizar o gasto de um afeto penoso e, em um gesto defensivo, diminuir a importância das dificuldades pelas quais está passando, resultando numa “tirada” de humor.

Para compreendermos a gênese do processo humorístico, segundo Freud, seria mais fácil considerarmos o processo que se dá no ouvinte (a terceira pessoa). Entretanto, o processo que se realiza no indivíduo humorista (a primeira pessoa) é aquele que mereceria maior atenção:

Até esse ponto, o processo no humorista tem de concordar com o processo no ouvinte – ou (...) o processo do ouvinte deve ter copiado o do humorista. Mas, de que modo este último ocasiona a atitude mental que torna supérflua a liberação de afeto? Qual a dinâmica de sua adoção da ‘atitude humorística’? Evidentemente, a solução do problema deve ser buscada no humorista; no ouvinte, temos de supor que existe apenas um eco, uma cópia desse processo desconhecido. (Freud, 1927/2006, p. 166).

Após isso, o psicanalista estabelece uma diferenciação entre o humor, o chiste e o cômico. Para ele, todas estas atividades mentais possuiriam algo de “liberador”; porém, o humor, adicionalmente a esta característica, apresenta “qualquer coisa de grandeza e elevação” que faltam às outras duas maneiras de se obter prazer.

Tal “grandeza” corresponde ao triunfo do narcisismo, ou, em outras palavras, na afirmação da invulnerabilidade do ego. Para Freud, o ego se recusaria a ser atingido pelas provocações da realidade, demonstrando que os traumas não passariam de ocasiões para se

obter prazer. Ainda, adiante, coloca que além do triunfo do ego, o humor implicaria o triunfo do princípio do prazer:

O humor não é resignado, mas rebelde. Significa não apenas o triunfo do ego, mas também o do princípio do prazer, que pode aqui afirmar-se contra a crueldade das circunstâncias reais. (Freud, 1927/2006, p. 166).

De acordo com ele, essas últimas características – a rejeição das reivindicações da realidade e a efetivação do princípio do prazer – poderiam aproximar o humor também de fenômenos encontrados na psicopatologia. Afinal, para evitar o sofrimento, os indivíduos recorreriam a todo o tipo de artifício, que encontramos desde as neuroses até os quadros de loucura...

A este respeito, Kupermann (2003) também observa a relação do humor com o campo das psicopatologias. Esse autor aponta que, em 1905, Freud considerou-o como um mecanismo de defesa, um “reflexo de fuga” da realidade penosa; adicionalmente, considerou-o como uma forma de exaltação do ego, com a seguinte frase “sou grande demais (ou bom demais) para ser atingido por essas coisas” (Freud, 1905/2006). Já em 1927, com as novas características apresentadas, haveria uma aproximação entre o humor e a psicose, por meio do mecanismo de rejeição da realidade? E, enfim, poderíamos relacioná-lo com a perversão, por meio da cisão da realidade e pela cisão do ego?

Como podemos ver, para a psicanálise, é difícil estabelecer as fronteiras entre o normal e o patológico. Nesse sentido, conforme nos indica Birman, “(...) num psiquismo fundado agora no inconsciente, as relações entre o normal e o patológico eram relativas e não mais absolutas” (2005, p. 98/99). De qualquer forma, é importante ressaltar que, tanto Freud quanto Kupermann, situam o fenômeno humorístico dentro da saúde. Isso por mais que o pai da psicanálise não consiga explicar inteiramente a seguinte questão: como o humor apresenta esse modo de funcionamento sem ultrapassar os limites da saúde mental?

Em seguida, Freud retoma a seguinte situação: uma pessoa adota uma atitude humorística para com os outros (já descrita tantas vezes, inclusive no livro dos *Chistes*); mas, então, identifica que, nessa, o humorista trata seus espectadores da mesma forma que um adulto trata uma criança, sorrindo da trivialidade dos interesses e sofrimentos dela. Para tanto, ele afirma: “Assim, o humorista adquiriria sua superioridade por assumir o papel do adulto, identificar-se até certo ponto com o pai, e reduzir as outras pessoas a crianças” (Freud, 1927/2006, p. 167).

Tomemos agora outra situação, semelhante à anterior, mas com uma diferença: uma pessoa adota uma atitude humorística para consigo própria, no intuito de manter afastados possíveis sofrimentos. Ora, neste caso, ela estaria tratando a si mesma como um adulto trata a uma criança? Parece-nos que sim.

Para compreender este processo, em termos psicodinâmicos, precisamos considerar a estrutura do ego: esse abriga, dentro de si, o chamado superego (que, às vezes, encontra-se fundido com ele e, outras vezes, nitidamente diferenciado dele). Nesse sentido, concebendo o superego como o herdeiro do agente paterno, devemos admitir sua participação no fenômeno humorístico. Aliás, de acordo com Freud, o humorista chega mesmo a retirar a ênfase psíquica de seu ego, transpondo-a para o superego.

Para o superego, assim inflado, o ego pode parecer minúsculo, e triviais todos os seus interesses, e, com essa nova distribuição de energia, pode tornar-se coisa fácil para o superego reprimir as possibilidades de reação do ego. (Freud, 1927/2006, p. 168).

A partir disso ele levanta a hipótese que, em certas ocasiões, poderiam ocorrer deslocamentos de grande quantidade de investimento psíquico de uma instância a outra. No caso do humor, em determinadas situações, o sujeito hipercatexizaria seu superego, transformando as reações do ego. Dessa maneira, encontramos o seguinte:

Um chiste é, portanto, a contribuição feita ao cômico pelo inconsciente. Exatamente do mesmo modo, o humor seria a contribuição feita ao cômico pela intervenção do superego. (Freud, 1927/2006, p. 169).

Nesse momento, consideramos necessária uma pequena pausa: afinal, causa-nos estranheza a entrada “em cena” do superego, considerando tudo o que vimos até o momento... Corroborando-nos, Kupermann questiona o seguinte:

(...) como conciliar a idéia de um triunfo narcísico e de uma afirmação de invulnerabilidade do ego supostamente presentes no dito humorístico com tamanho desinvestimento da instância egóica em favor do superego? (Kupermann, 2003, p. 55).

A fim de responder essa pergunta e procurar solucionar o que, numa primeira vista, parece-nos uma contradição, vamos prosseguir no texto freudiano. Assim, Freud segue dizendo que o prazer produzido pelo humor é menos intenso que o cômico ou dos chistes. No entanto, ele possui um “caráter de valor muito alto”, sendo especialmente liberador e enobrecedor. Neste sentido, o aspecto principal no humor não consistiria na pilhéria, no gracejo, mas na intenção que ele procura transmitir, que seria:

Olhem! Aqui está o mundo que parece tão perigoso! Não passa de um jogo de crianças, digno apenas de que sobre ele se faça uma pilhéria! (Freud, 1927/2006, p. 169).

Para finalizar, ele nos deixa os seguintes questionamentos:

Se é realmente o superego que, no humor, fala essas bondosas palavras de conforto ao ego intimidado, isso nos ensinará que ainda temos muito a aprender sobre a natureza do superego. Ademais, nem todas as pessoas são capazes da atitude humorística. Trata-se de um dom raro e precioso, e muitas sequer dispõem da capacidade de fruir o prazer humorístico que lhes é apresentado. E finalmente, se o superego tenta, através do humor, consolar o ego e protegê-lo do sofrimento, isso não contradiz sua origem no agente paterno. (Freud, 1927/2006, p. 169).

Assim, ao concluirmos esse artigo, temos a impressão que levamos mais perguntas que respostas... Ainda, é com perplexidade que recebemos essas últimas palavras de Freud, que descreve a faceta bondosa, afável e condescendente do superego. Essa é a única vez, no conjunto de toda a obra freudiana, em que o superego é descrito dessa maneira. Muito pelo contrário, estamos habituados a reconhecê-lo como rígido, crítico e tirânico.

Isso faz ecoar a charada, lançada logo no início desse capítulo: afinal, estamos tratando do mesmo Freud? Como pode esse pensador escrever o arrebatador *Mal Estar na Civilização*, que retrata tão bem nossa condição essencialmente trágica e conflituosa, e, em contrapartida, elaborar este triunfante ensaio, que traz um retrato extremamente otimista da existência humana e, ainda, um elogio entusiasmado ao superego?

De qualquer forma, procuraremos levantar algumas hipóteses que esclareçam o entendimento aqui esboçado e o harmonizem, na medida do possível, ao conjunto da psicanálise.

Nesse sentido, Kupermann (2003) recorrerá à constituição do superego. De acordo com ele, essa instância ideal, construída através de processos identificatórios mediados pela linguagem, portadora de uma *imago* paterna e herdeira do complexo de Édipo, carrega uma dualidade.

De um lado, essa instância permitiria ao sujeito fantasiar, imaginar e investir desejantemente em um tempo futuro; nas palavras do autor: “Tratar-se-ia nesse caso, de uma incitação ao movimento criativo sublimatório” (Kupermann, 2003, p. 112). De outro, seria composta também pelos valores e interdições culturais, que possibilitariam o recalque e a renúncia à satisfação erótica. Em termos metapsicológicos, essa segunda modalidade de investimento corresponderia à idealização propiciadora da ilusão totalizante de uma completude

atingida, caracterizada pela fixação no objeto idealizado e que estancaria o movimento sublimatório.

Dessa maneira temos o seguinte:

O ideal do ego postulado por Freud (1914) poderá, portanto, colocar-se tanto a serviço da *onipotência narcísica*, da completude ilusória do ego no sentido de “não ter mais nada a desejar”, quanto a serviço de *onipotência erótica infantil*¹⁰, entendida como a força motriz do psiquismo no sentido de criação sublimatória. (Kupermann, 2003, p. 113).

Para resolver esse impasse, ou seja, esse aspecto duplo da imagem paterna presente na obra Freudiana, Kupermann utilizará Lacan, o qual propõe tratar-se de duas instâncias diferenciadas: “a que recalca se chama o superego, a que sublima o ideal de eu” (Lacan *apud* Kupermann, 2003, p. 114).

Logo, quem estaria envolvido no processo humorístico seria, especificamente, o ideal de eu (ou ideal de ego¹¹). A confusão gerada seria, então, devida à indiscernibilidade entre as duas instâncias encontradas em Freud. Esta é a solução apontada por Kupermann (2010, 2003).

De maneira semelhante, Bergeret (*apud* Diatkine, 2006) indica que no humor ocorreria uma regressão do superego em direção a um ideal de ego, que facilitaria o conluio narcísico com o ego.

Há, porém, outras visões sobre esta questão. Diatkine (2006), por exemplo, entende que haveria uma inibição (relacionada à economia na despesa psíquica do livro dos *Chistes*) sobre as pulsões sádicas que o superego exerceria sobre o ego. Existiria, nesse entendimento, uma economia de inibição parcial no humor.

Já para Kamel (*apud* Diatkine, 2006), no processo humorístico, é o ego quem triunfa sobre o superego.

Devemos ainda considerar os muitos autores que consideram que um superego que protege o ego ao invés de persegui-lo não seria um verdadeiro superego, ressonando com a nossa perplexidade exposta algumas linhas acima.

¹⁰ O conceito de onipotência erótica infantil será retirado de Ferenczi.

¹¹ Nesse trabalho, utilizaremos os termos “ideal de eu” e “ideal de ego”, bem como “superego” e “superego”, como sinônimos.

De qualquer forma, tomando como referência a hipótese proposta por Kupermann, o que nos parece estar sendo sugerido é que a postura humorística se relaciona a certa maneira de lidar com o complexo de Édipo e com a castração, entendidas pela psicanálise como operações fundantes do sujeito neurótico.

Iremos agora abordar outra questão, já apresentada no capítulo anterior e também mencionada nesse capítulo: trata-se da suposta relação entre o humor e a sublimação.

De acordo com Laplanche e Pontalis (2001), a sublimação consiste em um processo postulado por Freud, para explicar atividades humanas sem qualquer relação aparente com a sexualidade, mas que encontrariam seu elemento propulsor na força da pulsão sexual. No entanto, para eles, a teoria da sublimação permaneceu pouco elaborada na obra de Freud. Com base nisso, temos que: “a ausência de uma teoria coerente da sublimação permanece sendo uma das lacunas do pensamento psicanalítico” (Laplanche e Pontalis, 2001, p. 497).

Slemenson, em seu Trabalho de Conclusão de Curso, questiona se o humor estaria mais próximo de um movimento sublimatório, apresentando-se como uma forma de ressignificar situações traumáticas e angustiantes, ou, ao contrário, de um movimento defensivo, como modo de recusa e afastamento da realidade. Novamente, identificamos a contigüidade de dois eixos, um deles indicando o caminho da saúde, outro o da psicopatologia. A autora ressalta a potência elaborativa do humor e conclui que ele atua tendo em vista diferentes fins:

Conhecemos o irreverente e rebelde, o humor libertário, o humor identificatório, o humor sublimatório, entre outros. Por que definir apenas um, se podemos nos beneficiar de todos? E esta já não é uma predisposição do humor? (Slemenson, 2007, p. 94).

A esse respeito, e considerando o entendimento de Laplanche e Pontalis, destacamos justamente que o conceito de sublimação foi considerado por Freud inicialmente como um mecanismo de defesa. Foi posteriormente, apenas, que ele estabeleceu distinções entre ambos. Assim, identificamos que há, de fato, certa confusão entre essas duas noções.

Kupermann, por sua vez, defende expressamente a tese que as sugestões oferecidas por Freud à metapsicologia do humor podem servir como paradigma para compreendermos a metapsicologia da sublimação. Para ele, a aproximação de duas noções ‘obscuras’ da teorização freudiana pode contribuir para o esclarecimento de ambas. Nesse sentido: “Acreditamos que a incompreensão e mesmo a desvalorização da problemática do humor, em suas vertentes, pelo

campo psicanalítico, é proporcional à fragilidade teórica encontrada em relação à sublimação” (Kupermann, 2003, p 66).

Então, segundo esse autor, existiriam basicamente duas leituras possíveis a respeito da sublimação na obra freudiana.

A primeira delas insere-se no contexto da primeira tópica e do primado da teoria repressiva, conforme a qual, a sublimação seria um desvio da pulsão de seu alvo original – a satisfação sexual – para finalidades socialmente valorizadas, principalmente aquelas de cunho científico e artístico. Assim, o movimento sublimatório seria visto como um mecanismo de defesa, fruto de um processo de “dessexualização” da pulsão. Essa visão está presente, por exemplo, no texto *Moral sexual ‘civilizada’ e doença nervosa moderna*, escrito em 1908. No entanto, como defende o autor, a respeito do percurso de Freud:

(...) as características envolvidas no processo de criação artística impuseram enigmas que o obrigaram a rever sua formulação inicial, promovendo um esmaecimento da clivagem estabelecida entre sublimação e erotismo, o que só foi possível com o advento dos conceitos de narcisismo e de pulsão de morte, e da segunda tópica. (Kupermann, 2010, p. 201).

Chegamos, então, à segunda leitura, segundo a qual a sublimação seria um processo que independe do recalque. Nesses termos, corresponde a uma saída criativa do aparelho psíquico, onde haveria mudança no objeto da satisfação pulsional (ao invés de dessexualização). Podemos encontrá-la nos seguintes textos: *Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância*¹², escrito em 1910, e *Escritores criativos e devaneios*¹³, escrito em 1908.

¹² No entendimento de Kupermann (2003), nesse texto, Freud adota o paradigma estético, referente à criação artística e passa a entender a sublimação como um processo erótico, com raízes nas experiências sexuais infantis (relacionado, principalmente, com as pulsões de ver e saber no transcorrer do desenvolvimento psíquico do sujeito).

¹³ No ensaio *Escritores Criativos e Devaneios*, Freud se questiona acerca do seguinte: de que fontes o escritor retira o material para suas obras? Ao se debruçar sobre essa pergunta, descobre que há uma continuidade entre o brincar da criança e a criação artística. Para Freud, os elos mais importantes dessa cadeia estão no sonho e no devaneio, como se o texto literário fosse um sonho do autor que, por sua vez, desencadearia outros sonhos nos leitores. Nesse sentido, tanto o escritor, quanto o leitor, realizam, simbolicamente, desejos reprimidos, tal como a criança o faz através do seu jogo: manipula a realidade, criando “outra cena” onde tudo pode acontecer. Assim, passado, presente e futuro misturam-se numa temporalidade sujeita apenas às rédeas do desejo. O que já foi voltará a ser; o que teria sido é presente para sempre. Tudo é possível graças ao fenômeno da “sedução estética”. Para Freud, a forma literária com sua inexplicável beleza tem a mesma função sedutora do “prazer preliminar” no ato sexual: derrubar as barreiras da repressão permitindo a liberação de um prazer mais intenso e profundo. Fonte: http://www.fundamentalpsychopathology.org/8_cong_anais/PST_538.pdf. Consultada em 21.05.12.

Ainda, em 1923, quando escreve *O ego e o id*, Freud esclarece o sentido que teria impresso à “dessexualização” envolvida no movimento sublimatório. Deste modo, descreve-o como um processo no qual, em um primeiro momento, o sujeito experimenta um desligamento dos objetos que mereceram seu investimento libidinal – havendo, assim, uma “dessexualização”, onde a libido se volta ao ego e se torna uma libido narcísica. Tal mecanismo corresponderia ao trabalho de luto. Já num segundo momento, esta libido seria redirecionada para outros objetos, promovendo assim uma re-erotização do mundo e da existência. Por isso:

Nesse sentido, a sublimação aponta, de um lado para a possibilidade de trabalho de luto e, de outro, para o movimento metonímico do desejo, constituindo tanto uma “modificação da finalidade” quanto “uma mudança de objeto” da pulsão. (Kupermann, 2010, p. 202).

Portanto, como inferimos, Kupermann baseia-se nesse último entendimento sobre a sublimação, para aproximá-la do senso de humor, adotando, para tanto, o paradigma estético e a noção freudiana de onipotência erótica infantil. Adicionalmente, ele relaciona o processo de criação artística à brincadeira infantil, onde a criança “cria um mundo próprio, ou melhor, reajusta os elementos de seu mundo de uma nova forma que lhe agrade” (Freud, 1908, p. 149 / Kupermann, 2003, p. 89).

Em seguida, deixando de lado a figura do artista, o autor se pergunta: existiria alguma atividade própria do cotidiano do homem comum que se aproxima do brincar infantil, sem perder a conexão com a realidade? Ora, esta atividade seria justamente o humor! Este se mostra, portanto, como um exemplo da chamada “razão lúdica” (Kupermann, 2003).

O humor, bem como a criação sublimatória, caracterizam efetivamente triunfos nos quais, porém, é reafirmada incessantemente a onipotência erótica infantil como a força motriz que move o aparelho psíquico na direção da satisfação pulsional e da realização do desejo. (Kupermann, 2003, p. 122).

A esta altura, cabe esclarecermos que a intenção deste estudo não é esgotar o tema da sublimação, nem sequer postular que o humor é necessariamente uma forma de sublimação. Pretendemos aqui, apenas expor *insights*¹⁴ que possam contribuir para iluminar os enigmas do fenômeno humorístico deixados por Freud, sempre tendo em vista sua aplicabilidade à clínica.

¹⁴ Kupermann, no caso, é um autor no qual nos baseamos em grande parte neste trabalho. Ele estudou profundamente o tema do humor e sua relação com o processo sublimatório, em seu doutorado. Assim, para um maior aprofundamento sobre o tema, sugerimos a leitura de seu livro: KUPERMANN, D. *Ousar rir. Humor, criação e psicanálise*. Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2003.

Já que mencionamos o brincar da criança, Kehl (2005) elabora um ensaio em que se propõe a estudar a especificidade do humor infantil¹⁵. Para ela, a condição infantil está permanentemente ameaçada de humilhação, tendo em vista que ainda não há um domínio da castração. Então, a necessidade de enfrentar tal risco poderia explicar a necessidade do chiste e do senso de humor nos pequenos. Assim o humor é descrito pela autora como uma forma de resgatar o *eu* de uma situação humilhante.

Ainda, apoiando-se em Bergson, ela afirma que a comicidade se dirige à inteligência pura. Ou seja, para se poder rir de uma situação, é necessário produzir, intelectualmente, certo distanciamento dela. Por isso afirma: "O riso é incompatível com a emoção; é uma forma de crueldade diante de situações que, vistas por um ângulo afetivo, despertariam antes piedade. O riso é impiedoso" (Kehl, 2005, p. 69).

A nosso ver, essas duas hipóteses sugeridas por Kehl – a possibilidade do humor de fornecer uma saída à situação de humilhação e certo grau de distanciamento afetivo exigido pelo humor – podem ser-nos bastante úteis no próximo capítulo, para abordar a questão do humor na análise. Vamos mantê-las em mente, então.

Por fim, gostaríamos de abordar um último ponto, suscitado pelo texto freudiano: trata-se da afirmação de que haveria uma "intenção" veiculada pelo humor, na qual residiria sua característica principal. Como mencionamos, essa intenção atribui um alto valor ao humor, sendo especialmente liberadora e enobrecedora; é como se ela dissesse: "Olhem! Aqui está o mundo que parece tão perigoso! Não passa de um jogo de crianças, digno apenas de que sobre ele se faça uma pilhéria!" (Freud, 1927/2006, p. 169).

Pensamos que tal intenção está intimamente relacionada ao "triunfo do narcisismo", introduzido no início do ensaio, uma vez que, em nome deste, o eu insiste que não pode ser

¹⁵ Segundo Kehl, o humor, muitas vezes, é descrito como um artifício exclusivo da vida adulta. Ela discorda deste entendimento e ainda comenta a citação freudiana, contida no texto dos *Chistes*, de que a euforia que sentimos perante o cômico, o humor e a piada é a repetição de "um estado de ânimo da infância, quando ignorávamos o cômico, éramos incapazes de chistes, e não necessitávamos de humor para sentirmo-nos felizes em nossas vidas" (Freud, 1905/2006, p. 219). Segundo ela, haveria aí uma idealização da infância (bastante "anti-freudiana"), onde estaria implícita uma idéia de ausência de angústia, excluindo a função do humor na vida das crianças. Não pretendemos nos aprofundar sobre esta questão neste estudo. Para quem se interessar pelo tema: KEHL, M. R. Humor na infância. In SLAVUTZKY, A.; KUPERMANN, D (orgs.). *Seria trágico... se não fosse cômico – Humor e Psicanálise*. Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2005.

afetado pelos traumas do mundo externo, muito pelo contrário, demonstra que esses traumas não passam de ocasiões para se obter prazer (Freud, 1927/2006).

Entendemos que, com isto, Freud não está defendendo uma suposta “invulnerabilidade” ou “inatingibilidade” do ego; ao invés, identificamos no trecho uma afirmação da dimensão desejante (e, portanto, faltante) do sujeito, mesmo frente às adversidades da realidade. Então, poderíamos considerar que o senso de humor porta consigo uma dimensão ética?

Kupermann também se coloca esta mesma questão e irá responder afirmativamente. Para ele:

É apenas nesse sentido que se pode compreender a máxima freudiana: “O humor não é resignado, mas rebelde”. É nesta rebeldia (...) que consiste a dimensão ética do humor, cujo sentido destacado por Freud é “não apenas o triunfo do ego, mas também o do princípio do prazer, que pode aqui afirmar-se contra a crueldade das circunstâncias reais”. (Kupermann, 2003, p. 56).

Com base nisto, ele aproxima o humor da noção lacaniana da ética do desejo, tendo em vista que essa última se coloca como uma alternativa à renúncia e à resignação, perante a castração e o desamparo, dos quais não podemos escapar.

Aliás, é nesse ponto em que reside a dimensão trágica de nossa existência, componente essencial do projeto ético da psicanálise, em Freud. De acordo com Birman (2005), tal dimensão é anunciada na *Psicoterapia da histeria*, quando o pai da psicanálise enuncia a transformação da “miséria histérica” em “infelicidade banal”, e se completa com o *Mal Estar na civilização*. Nas palavras desse autor: “Em decorrência disto o mal estar e a ‘infelicidade banal’ estariam inscritos na nossa existência, impondo-se a nós como um imperativo incontrolável” (Birman, 2005, p. 94). Logo, a partir deste entendimento, a promessa de um projeto amplo, geral e irrestrito de felicidade caiu por terra; afinal, a felicidade não estaria garantida *a priori* e dependeria da singularidade de cada um. Seria essa, enfim, a marca da poética trágica presente no discurso freudiano.

Ainda segundo Birman, a psicanálise se constituiu a partir da passagem do registro do *drama* para o registro do *trágico*, quando Freud rompeu com a concepção traumática das perturbações psíquicas e adotou a teoria da fantasia inconsciente. Nessa passagem, o chiste ocupou um lugar essencial, uma vez que evidenciou os efeitos do inconsciente sobre o sujeito, exprimindo-se através da linguagem. Em suas palavras:

Assim, o que o discurso freudiano constituiu, com o enunciado do conceito de inconsciente e com o descentramento do sujeito dos registros do eu e da

consciência, foram as formas pelas quais o sujeito insiste em afirmar o seu *desejo* contra a pulsão de morte que o habita. Dos sonhos aos chistes, passando pelos lapsos, atos falhos e sintomas, é sempre o desejo que se contrapõe à morte como afirmação infalível que é do sujeito. Foi nesse contexto que se inscreveu o referido deslocamento do *pathos*, do registro do drama para o do trágico. (Birman, 2005, p. 95).

Nesse contexto, nós devemos a Lacan o resgate da dimensão trágica na psicanálise, em seu seminário *A Ética de Psicanálise*, em que analisou a peça *Antígona*, de Sófocles. Nele, o psicanalista francês se indagou acerca da condição trágica do desejo: esse nunca será plenamente satisfeito, pois não consegue dar conta, ao mesmo tempo, do singular e do universal.

Podemos dizer que, para Lacan, a marca que caracteriza a heroína Antígona corresponde à posição paradoxal, em que ela mesma se coloca: ao fazer valer seu desejo pessoal de enterrar seu irmão ela contraria a vontade do rei e termina respondendo com a sua própria vida a essa desobediência. Assim sendo, o herói trágico vivencia o desamparo e a solidão fundamentais, que são marcas da “individualidade absoluta” (Rubião, 2003). Tal desamparo deve ser visto como um distintivo do humano, bem como o conflito, que surge como necessário e indissolúvel.

Rubião (2003) também propõe, como questão, se os estudos referentes à comédia antiga poderiam lançar alguma luz sobre o debate relativo à ética, contrapostos ao modelo trágico (em que Lacan se apoiou na década de 1960). Para tanto, apreenderá a via cômica no mesmo registro reservado ao modelo trágico, isto é, aquele que propõe uma saída ética, sem abrir mão do paradoxo fundamental que está na base conceitual do desejo para a psicanálise. Em seu entendimento:

Se a tragédia traduz algo relativo ao que não se deixa civilizar/simbolizar no homem, algo como um limite só transposto mediante o sacrifício de ser, a comédia parece fornecer uma via original de transposição desse limite do insuportável dado pelo significante enquanto barreira. E essa operação aponta não para o triunfo da vida – esboçado imaginariamente numa celebração que promoveria o bem-estar a despeito dos efeitos desse insuportável – mas pelo índice de sua escapada por entre as gretas da barreira significante. (Rubião, 2003, p. 70).

Então, se a tragédia se situa como a expressão da relação de fatalidade que o homem mantém com a sua fala, a comédia apontaria para um tipo diferente de relação, em que algum proveito pode ser daí extraído: Lacan diria que se trata de uma relação de consumo com a palavra, em que se torna possível gozar dela (Rubião, 2003).

Por outro lado, há também pontos de convergências entre ambos os gêneros: segundo Whitman (*apud* Rubião, 2003), o herói cômico também é um herói solitário, isolado, devendo agir

sozinho contra o senso comum. Adicionalmente, esses dois heróis atuam obstinadamente na busca por um desejo, que seria o estofado de uma resposta subjetiva e singular.

Apesar disso, na comédia, opera-se com maior liberdade em relação ao gozo; assim verificamos que os seus protagonistas na maior parte das vezes escapam vivos ao fim de um percurso cheio de obstáculos... Conforme Rubião (2003), a comédia se utiliza de uma estratégia que viabiliza um novo tipo de relação com a linguagem, permitindo outro tratamento para o desejo e as formas do ideal que pretendem lhe fixar uma tradução. Ela proporciona uma “novidade”, então.

Acreditamos que a leitura das comédias de Aristófanes pode tornar-se um instrumento interessante para a apreensão de questões éticas em psicanálise, pois seus personagens confrontam-se, frequentemente, com situações-limite, que implicam um posicionamento e uma escolha, de tal forma que o sujeito (...) deve impor-se contra o consenso geral... (Rubião, 2003, p. 76).

Fizemos essa digressão no teatro antigo grego e na tradição lacaniana, pois consideramos relevantes as consequências que as dimensões éticas da tragédia e da comédia trazem para o nosso problema de pesquisa.

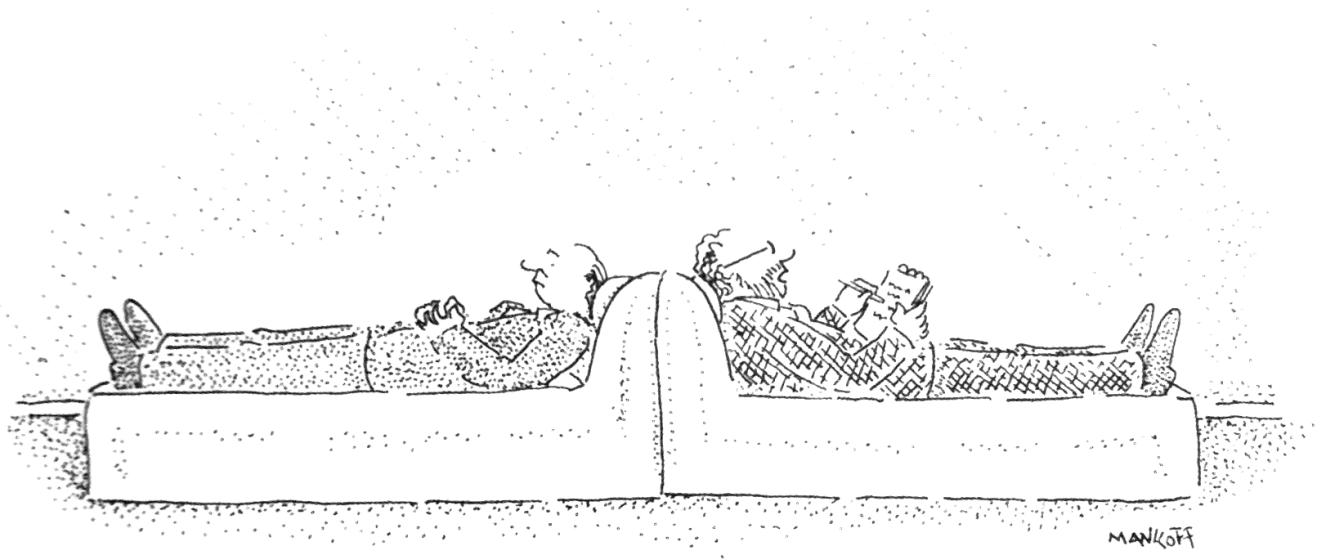
A partir desse entendimento, inferimos que tanto a ética trágica, quanto a cômica, compõem o universo das possibilidades (e impossibilidades) humanas, para a psicanálise. Em outras palavras, a abordagem psicanalítica transita entre esses dois registros.

Nesse sentido, Kupermann (2003) defende que, em Lacan, é no caráter *tragicômico* que reside a experiência da ação humana e, ainda, que é justamente por isso que a historietta do condenado à força se tornou paradigmática em Freud. Novamente, “Estaríamos lidando assim, na questão do humor, não com o triunfo do ego, que se quer imperecível, mas com a afirmação rebelde e teimosa do erotismo e do desejo frente às adversidades do real” (Kupermann, 2003, p. 57).

Com base nisso, arriscamos afirmar que a tragédia e a comédia seriam complementares, correspondendo a “duas faces de uma mesma moeda”. Isso é o que podemos observar no filme *Melinda e Melinda*, de Woody Allen. Nesse, o diretor nos mostra, com maestria e bom humor –

nas palavras de Birman (2005) –, como uma mesma história pode ser contada de uma maneira cômica ou dramática, sendo esses dois traços fundamentais da condição humana. Desse modo, identificamos que não há uma hierarquia entre esses dois gêneros:

Vale dizer, a comédia é tão séria, como gênero e estilo, como o drama, pois ambas revelam de maneiras diferentes, traços fundamentais da condição humana nos seus mais diversos registros, isto é, nas dimensões ética e estética. (Birman, 2005, p.86).



– Convenhamos: você não é o único com problemas.

4. Refletindo sobre o humor na clínica psicanalítica

O judeu entra no consultório do analista e se queixa: “Doutor, estou com um problema. De uns tempos para cá comecei a falar comigo mesmo em voz alta”. O analista: “Bem, isso não é tão grave assim...”. E o judeu: “Mas se o senhor soubesse como sou chato!”.

Renato Mezan, *in* Interfaces da Psicanálise

Uma vez tendo retomado os dois textos freudianos sobre o chiste, o cômico e o humor, aprofundando-nos em seus *status* teóricos, estamos nos aproximando, enfim, do objeto propriamente dito desse trabalho, qual seja, a presença do humor na clínica, entre o terapeuta e o paciente.

Como sabemos, apesar de Freud ser reconhecido como um pensador espirituoso e dotado de um fino e preciso senso de humor, não há indicações da presença do humor em sua prática (Kupermann, 2003). Para além dessa questão, o pai da psicanálise nos traz pouquíssimas informações sobre seu estilo clínico. Na realidade, ele teria feito muito mais indicações do que *não fazer* no *setting* analítico (recomendações negativas), do que o *quê fazer* (recomendações positivas).

Partimos de uma premissa nesse estudo: o chiste, o cômico e o humor ocorrem dentro do espaço analítico, entre os atores nele envolvidos – terapeuta e paciente ou analista e analisando. Ele é, portanto, um fenômeno. Porém, para além daí, perguntamo-nos se esses elementos não poderiam desempenhar um relevante papel em um processo de análise. Esse é o enigma que inspirou nosso trabalho.

Como nos diz Slavutzky (2005), apesar de Freud haver considerado o humor *um dom precioso e raro*, foi reservado a ele um lugar marginal na história da prática da psicanálise. E o que diremos, então, da questão de sua aplicação na clínica? Ora, parafraseando esse autor: “Quais as dificuldades para alcançar esse dom?” (Slavutzky, 2005, p. 203).

A essa altura, já resta claro que essa indagação, com a qual partilham alguns autores (Birman, 2005; Kupermann, 2003; Slavutzky, 2005; Zusman, 2006), acompanha, como um fio de tensão, todo o nosso trabalho. Afinal, se no primeiro capítulo lançamos a pergunta: “*por que o livro dos Chistes foi o menos lido pelos psicanalistas?*”, no segundo, questionamo-nos: “*por que*

após tantos anos Freud retomou a temática do humor, justamente em um momento que a sua produção teórica o levava para outro caminho?”. No atual capítulo é a vez da seguinte interrogação: “por que o Witz ocupou um lugar tão inexpressivo na clínica psicanalítica?”.

É certo que, conforme destacamos acima, o humor como um fenômeno provavelmente já se faça presente numa terapia e demonstre sua eficácia. No entanto, se esse for o caso, tais experiências ainda não ocuparam a reflexão teórico-acadêmica, ao menos.

De acordo com Zusman (2006), Freud, no texto dos *Chistes*, teceu poucas considerações sobre seu uso na prática clínica. Com isso, o *Witz* acabou sendo visto como um elemento de interesse social e cultural.

Concordamos com o entendimento desse autor. No entanto, retomando a tensão central de nosso trabalho, gostaríamos de nos deter mais profundamente na questão do ‘esquecimento’ do chiste, pela comunidade psicanalítica.

Segundo Birman (2005), com tal esquecimento, o discurso psicanalítico acabou perdendo sua sintonia com o registro do trágico, fixando-se efetivamente no registro do drama. Como descrevemos no capítulo anterior, conforme a dimensão trágica, cada sujeito vive um conflito insolúvel, dado em última instância pela sua condição de ser cindido. Não obstante, é possível que esses ‘seres cindidos’ assumam uma postura de não ceder de seu desejo em nome do desejo do outro. Nisso residiria justamente a ética. Por outro lado, na dimensão do drama, o que está em jogo seria uma atitude mais próxima da melancolia e da resignação masoquista. Assim, temos que:

Com efeito, o que existe de risível e de irônico, nas diferentes formações do inconsciente, foi devidamente recalçado, sendo aqueles substituídos pelas cavilações dramáticas. Com isso, a fulgurância da histeria foi apagada na sua estridência brilhante, sendo substituída pelo prestígio conferido à obsessionalização do psiquismo. (Birman, 2005, p. 95/96).

Nesse cenário, como salientamos, devemos a Lacan o resgate do fulgor da dimensão trágica da existência, bem como da supremacia dada ao inconsciente, em seu retorno a Freud. Também não seria demais reafirmamos que ele iniciou esse movimento a partir do livro dos *Chistes*, “a obra mais incontestável porque a mais transparente, em que o efeito do inconsciente nos foi demonstrado nos confins de sua sutileza” (Lacan *apud* Birman, 2005, p. 96).

Voltando à nossa questão, Slavutsky também é contundente em sua crítica: “a imagem da psicanálise está associada mais à seriedade que à brincadeira, ao sofrimento que ao humor, à tragédia que à comédia, ao triste que ao alegre” (Slavutsky, 2005, p. 204).

A este respeito Kupermann (2003) defende a opinião que os psicanalistas de formação mais ortodoxa apresentariam certo recato em abordar a temática do humor, sob pena de colocar em risco alguns dos princípios fundamentais da psicanálise, especialmente o da neutralidade.

Assim sendo, nosso próximo passo será fazer uma breve incursão pelo pensamento desses psicanalistas que se posicionam contrariamente à utilização do senso de humor na clínica, apresentando seus julgamentos e expressando alguns de seus temores.

A psicanálise de mau humor

A psicanalista G. Pasquali, no ano de 1986, publicou um artigo no *International Review of Psycho-analysis*, onde se colocou a seguinte pergunta: “É adequada e respeitável uma análise na qual podemos sorrir e rir com o paciente?” (Pasquali *apud* Kupermann, 2003, p. 29).

Essa manifestação da analista nos sugere que haveria, de fato, uma postura de suspeita acerca da presença do humor na clínica; ao menos em certos círculos da psicanálise, como nos indica Kupermann (2003). Porém, quais as possíveis armadilhas existentes no seu uso?

Segundo Kubie (*apud* Kupermann, 2003 e Zusman, 2006), seriam as mais diversas. No artigo “o potencial destrutivo do humor na terapia”, ele defende justamente que a utilização do *Witz* por parte do analista implica no abandono da regra de abstinência, ou seja, no abandono de sua posição de neutralidade. A partir daí, a relação transferencial estaria contaminada.

Adicionalmente, do ponto de vista da contratransferência, ele nos alerta que o uso desse recurso poderia estar a serviço de tendências agressivas e hostis do terapeuta. Desse modo, esse debocharia do paciente, arriscando parecer “desalmado”, “cruel” e “insensível” para o último.

Por fim, adverte-nos acerca dos perigos do potencial de sedução do humor. Para o autor, esse consistiria na “forma mais sedutora de conquista transferencial” (Kubie, *apud* Kupermann, p. 244). No que tange a tal poder de sedução, esse poderia ser utilizado tanto pelo analista, quanto pelo paciente. De toda a forma, o que está ameaçado, novamente, corresponde à transferência.

Em consonância com esse raciocínio, Bergeret, Daniel Rose, Pierre Chauvel e Henri Danon-Boileau (*apud* Diatkine, 2006) mostraram os perigos de um *acting* sádico contratransferencial, bem como de uma sedução mútua. Com base nisso, como nos salienta Diatkine (2006), o valor do riso numa sessão é algo bastante controverso.

Calich (2006) também apresenta certa reticência sobre o emprego do humor no *setting*. Esse autor defende uma psicanálise “bem temperada”, mas, ao acompanharmos seu argumento, notamos que tal caracterização corresponde a um uso bastante restrito do chiste e da comicidade, limitado ao estilo pessoal do analista, sob pena de prejudicar o andamento do processo. Então, em sua essência, o trabalho analítico não abarcaria o espaço destinado ao humor.

Adicionalmente, a emergência do riso representa uma desvantagem, na medida em que pode provocar uma excitação no paciente, desviando-o das finalidades de uma análise:

O risco é que esse movimento de “excitação” se torne um prazer em si, tanto para analista quanto para paciente, e que, em vez de desencadear um processo de significação, ele se mantenha no ambiente “da superfície do objeto” (Meltzer, 1988), substituindo-o. (Calich, 2006, p. 81).

Consequentemente, o riso seria adequado em apenas determinadas circunstâncias, em que ele surgisse de maneira espontânea: “talvez seja mesmo natural que num espaço lúdico como o analítico, à medida que um estado ou “posição” bem humorada seja alcançável, que surjam espontaneamente momentos divertidos ou engraçados tanto no paciente quanto no analista” (Calich, 2006, p. 82). Frente a essa ponderação, surge a dúvida: como seria possível a *construção* dessa posição bem humorada, se o espaço reservado ao humor é precário, segundo o próprio autor? Por um acaso ele entende que essa seria uma aptidão, dada *a priori*, por parte do terapeuta ou do paciente?

Ainda, para Tissot (*apud* Diatkine, 2006), haveria três diferentes níveis de interpretação sobre o riso surgido na sessão: no primeiro deles, o paciente riria da “peça” que pregou no analista; no segundo, ele zombaria do mesmo; e, no terceiro, ele riria do efeito da surpresa que provocou nele o surgimento de um afeto há muito recalcado. Então, conforme a autora, apenas o terceiro nível de interpretação seria adequado e desejável.

Em contrapartida, Kupermann (2003) responde que essas críticas seriam dirigidas mais precisamente para o uso do deboche, da ironia e da sedução, visando à captura ou à anulação da alteridade. Para ele, esse entendimento derivaria de uma leitura feita do livro dos *Chistes*, em

que se privilegiou a dimensão de agressividade-destrutividade, bem como de sedução, nas passagens em que Freud descreveu a satisfação obtida das pulsões sexuais e agressivas, por meio das piadas. O autor não compartilha dessa visão do livro.

Também de acordo com Kupermann (2003), o risco mais temido pelos psicanalistas que se posicionam contrários ao humor seria que seu uso poderia se tornar traumático para o analisando. Ele, ao contrário, entende que é o método psicanalítico clássico, que atribui um papel central (e excessivo) à interpretação, aquele que efetivamente “traumatizaria” os pacientes...

Zusman (2006), por seu turno, indica que os problemas do uso do humor, na realidade, referem-se ao seu mau uso. Nesse sentido, um emprego desastrado do humor não seria diferente de uma utilização errônea de qualquer outro recurso técnico... O que parece estar em jogo, no caso, consiste no seguinte: em que situações e de que maneiras seria aconselhável lançar mão desse instrumento?

Ainda não estamos em condições de responder inteiramente a essa questão. No entanto, conseguimos identificar determinadas ocasiões em que *não é aconselhável* esse uso. Assim, Zusman alerta que o humor pode estar a serviço da negação da dor ou a serviço do triunfo maníaco. Ademais, o riso, por parte do paciente, pode se mostrar como forma de desqualificar os problemas a serem enfrentados. E, por fim, como destacamos, esses elementos podem se prestar a manifestar os impulsos hostis do analista em relação ao paciente e vice-versa.

Além disso, há ocasiões em que o terapeuta vale-se do humor como uma espécie de escudo, de defesa, nos momentos em que ele não sabe como agir:

A tentativa de tornar o clima ameno através de comentários engraçados pode ser uma defesa que evidencia a incapacidade do analista em viver a densidade de um drama profundo e a dor correspondente. Ou seja, o mau uso do humor serve mais para afastar do que para entender. É mais ataque do que convite. (Zusman, 2006, p. 39).

Como percebemos, quando um analista usa o *Witz*, ele corre certos riscos. Por isso, há alguns clínicos que não recomendam de maneira alguma seu uso, considerando justamente os ‘desastres’ que ele poderia gerar. Porém, é interessante observar que, se todas essas situações nos sugerem que haveria um mau emprego do humor, é porque também existiria seu oposto, um bom emprego. É isso que iremos investigar adiante.

A psicanálise de bom humor

Ao contrário de alguns psicanalistas, que se manifestam avessos à utilização do humor no enquadramento analítico, outros, refletindo acerca de questões como a elasticidade da técnica, o ato analítico e a metapsicologia do terapeuta, recomendam expressamente seu uso. Eles defendem, assim, uma clínica “com bom humor”.

Nesse sentido, Kupermann (2003) indica que, para esse segundo grupo de analistas, o humor na clínica teria um papel decisivo, ao propiciar o estabelecimento de um laço de confiança, necessário para a superação das resistências por parte do analisando, contribuindo para o aprofundamento da experiência analítica.

De maneira semelhante, Birman (2005) também sugere que as práticas psicoterápicas apresentariam maior eficácia quando uma atmosfera de bom humor e chiste se fizesse presente entre terapeuta e paciente, promovendo uma melhor e maior aproximação de ambos. Desse modo, através da ferramenta humorística, o paciente poderia se sentir mais desarmado, enquanto o psicoterapeuta ficaria mais livre em sua atenção flutuante. Ainda, com base nessa configuração, as defesas em jogo se deslocariam, abrindo novos canais de circulação do discurso.

Como podemos observar a partir desses autores, a presença do humor no *setting* psicanalítico implicaria, antes de mais nada, um tipo de relação terapeuta-paciente baseada no acolhimento e uma maior proximidade e espontaneidade, tendo em vista a formação de um vínculo de confiança. Vínculo esse que será necessário, aliás, para o desenvolvimento do processo terapêutico, auxiliando no enfrentamento dos árdios obstáculos que poderão surgir pelo caminho.

Então, identificamos até o momento, como uma primeira implicação do uso do humor na clínica, que este facilita o estabelecimento de uma determinada forma de relação transferencial.

A esse respeito, Roustang (*apud* Slemenson, 2007) defende uma ampliação da noção de transferência, chegando mesmo a propor um novo critério de “analisabilidade” para os pacientes; Assim verificamos o seguinte:

A pessoa que me vem ver é ou não dotada de humor? [A questão] vem a ser a de saber se a pessoa em questão será capaz, dentro da maior seriedade, de zombar um pouco de si mesma. Não se trata de zombaria aguda, venosa ou irônica, pois a seriedade se tornaria trágica. Trata-se de uma zombaria doce, afetuosa e terna. (...) Na curva de uma frase, o paciente tropeçaria numa palavra

mal colocada ou num lapso. O problema é de saber se quem tropeça nos próprios pés andando no tapete de sua língua vai criar um drama ou se vai sorrir, constatando que mesmo a sua infelicidade pode ter para ele próprio algo de enternecedor. (Roustang *apud* Slemenson, 2007, p. 62).

Como vemos, para ele, o sujeito que procura a análise deveria ser capaz de rir de si mesmo, em determinadas situações. Essa atitude seria, no caso, a indicação de um bom prognóstico. Adicionalmente, observamos que o autor contrapõe a postura humorística e a postura séria, como será aprofundado adiante.

Ainda no terreno da relação transferencial, Ungier (2005) sugere que a emergência do humor permite a criação de novos circuitos pulsionais como alternativas ao gozo sintomático do paciente. Além disso, para ela, o humor poderia ser reconhecido como um *objeto transicional*. A autora retira essa noção do psicanalista inglês Winnicott, a partir de seus estudos sobre o brincar na relação mãe-bebê.

Conforme Winnicott, a presença materna se apresenta como um continente às estimulações e excitações que afetam o pequeno bebê. Nesse cenário, a brincadeira que se estabelece entre eles inaugura um terceiro espaço – da simbolização –, que prepara a criança para a cultura. Ademais, nesse terceiro espaço, o bebê pode escolher algum objeto, gesto ou som, que o auxilie a construir uma ponte entre ele e a mãe (o outro), podendo recuperar esse elemento de transição, na ausência desta. Logo, podemos entender que o objeto transicional ajuda a criança a caminhar, da absoluta relação de dependência inicial à independência, sendo que seu uso representa a união da dupla mãe-bebê, no tempo e no espaço, onde se processa a separação (Ungier, 2005).

Então, seguindo este raciocínio e passando agora para o *setting* clínico, a autora defende que o humor seja nele pensado como um *objeto transicional*, justamente na medida em que pode ser fruto de uma criação a partir do encontro analítico, oferecendo-se de continente para as demandas pulsionais suscitadas.

Costa (2006) também retoma o modelo da experiência inicial com uma mãe empática (nós acrescentaríamos “suficientemente boa”), concebendo-o como o ponto de partida que permitirá aos indivíduos enfrentarem os traumas da vida com uma porção de humor e com esperança numa saída. Nesse sentido, defende que o tratamento analítico deveria proporcionar esse mesmo tipo de relação ao paciente, para que, a partir daí, o último possa desenvolver tal aptidão.

Além do conceito de objeto transicional, outras aproximações podem ser feitas entre a utilização do humor no *setting* e a teoria de Winnicott. Assim, Zusman (2006) irá privilegiar o entendimento que o humor compõe a *área do brincar*. Segundo ele:

O humor estará presente em tudo o que há de mais íntimo entre paciente e analista. Situa-se no espaço do campo transferencial, possivelmente fazendo parte da área do brincar de Winnicott (1971/1975). Um brincar que está a serviço da vida. Um brincar que possibilita o uso das palavras de um jeito próprio e original. Brincar não precisa ser engraçado. Precisa ser novo, criativo, surpreendente. (...). O humor – que é uma expressão do brincar – avança mais facilmente por defesas porque não é invasão, não é ataque. É convite. Convide amistoso para um jogo a dois. Cada par analítico constrói com tempo e confiança uma linguagem particular que é rica em humor e que dá uma sensação de cumplicidade e parceria. Na clínica, através e em nome do humor criam-se termos particulares, verdadeiros neologismos, os quais conferem ao par analítico uma originalidade que não pode ser replicada. (Zusman, 2006, p. 38).

Como verificamos, o autor defende que este “jogo a dois” é fruto de uma construção realizada entre terapeuta e paciente, a qual não poderá ocorrer em um clima emocional qualquer, como seria o caso de um clima persecutório, por exemplo. Conforme mencionamos, é necessário confiança.

Ainda a esse respeito, Ungier (2005) acrescenta que, para Winnicott, a psicanálise se efetuará na sobreposição de duas áreas do brincar, a do paciente e a do terapeuta, duas pessoas que brincam juntas (como visto); caso isso não seja possível, o trabalho consistiria em trazer o paciente de um estado em que não é capaz de brincar para outro em que é capaz de fazê-lo. Ora, isso se aplica tanto à análise de crianças quanto à de adultos, sendo que, nessa última, manifesta-se na escolha das palavras, na inflexão da voz e no senso de humor. Por isso, Winnicott indica: “A psicanálise seria uma forma altamente especializada de brincar, criada no século XX, a serviço da comunicação consigo mesmo e com os outros.” (Winnicott, 1971/1975).

Sobre o aprofundamento da experiência terapêutica, de acordo com Birman (2005), o humor seria uma ferramenta que auxiliaria analista e analisando a se aproximarem da ordem da inquietude e do horror, que se encontraria “nas dobras do psiquismo”. Em sua opinião, nesse movimento, o *princípio do prazer* abriria, paradoxalmente, a rota para o *além do princípio do prazer*, contornando as repulsas e os interditos do psiquismo:

O que implica dizer que, para se aproximar dos territórios desencantados do horror e do registro trágico do terror, é preciso uma postura de bom humor que nos possibilite circular pelo campo do não familiar, com certa familiaridade. (Birman, 2005, p. 90).

Mannoni (*apud* Slemenson 2007), por sua vez, irá explorar os possíveis sentidos do riso em uma análise. Segundo ele, quando um afeto é inconsciente, o sujeito não consegue diferenciá-lo entre real e imaginário e, nesses termos, acaba por tomá-lo como absolutamente real. Porém, ao se tornar consciente, por meio de um processo analítico, por exemplo, esse mesmo afeto se transforma em imaginação, fantasia *etc.*. Ora, isso revela ao sujeito a sua dimensão de irrealidade, a ponto de fazê-lo rir. Em outras palavras, conscientizar o sentimento é um dos requisitos para que possamos rir dele, uma vez que deixa de estar submetido à fatalidade do real, para ganhar a leveza da imaginação e fantasia. A proposta desse autor, em suma, seria transformar o real do inconsciente em imaginário da consciência (Mannoni *apud* Slemenson, 2007).

A opinião de Mannoni parece confirmar a observação feita por Freud, quando nos aponta que:

Muitos de meus pacientes neuróticos, sob tratamento psicanalítico, demonstram regularmente o hábito de confirmar algum fato pelo riso quando consigo dar-lhes um quadro fiel de seu inconsciente, ocultado à percepção consciente; riem mesmo quando o conteúdo desvelado não justifica absolutamente o riso. Tal fato sujeita-se, naturalmente, a uma aproximação do material inconsciente, íntima bastante para captá-lo, depois que o médico o detecta e o apresenta a eles. (Freud, 1905/2006, p. 160/161, *nota de rodapé*).

Com base nesse trecho, identificamos que o riso pode se manifestar quando uma verdade inconsciente para o indivíduo lhe é revelada. Assim, poderíamos estabelecer uma aproximação entre o humor e a interpretação, a qual, como sabemos, é um recurso técnico privilegiado da psicanálise?

Tudo nos indica que sim. Nesse sentido, Dunker¹⁶ analisa especificamente a questão da interpretação na clínica analítica. Para ele, essa poderia promover modificações no discurso do analisando, o que, em termos lacanianos, coincidiria com *transformar um dito em um dizer*. Para tanto, extraí alguns procedimentos que serviriam de base para a interpretação, utilizando como base, nada mais nada menos, que as regras para a composição das piadas, indicadas por Freud no texto dos *Chistes*:

Das regras de composição do chiste podemos derivar também outros atributos da interpretação: sua brevidade, seu aparente contra-senso, seu jogo com

¹⁶ Fonte: <http://stoa.usp.br/chrisdunker/files/1873/10129/2003++A+Interpretação+na+Clínica+Psicanalítica.pdf> (consultado em 25.05.2012).

duplos sentidos e ambigüidades, bem como sua dependência em relação à estrutura de linguagem baseada em três lugares (quem conta a piada, quem a escuta e o personagem sobre o qual a piada se desenvolve). (Dunker, p. 10/11).

Adicionalmente, esse autor indica que a interpretação deve sempre partir de um ponto significativo do discurso do analisando, porém como determinar que ponto seria esse? Segundo ele, a rigor, qualquer discurso enunciado pelo paciente poderia ensejar uma interpretação, por parte do terapeuta. No limite, a interpretação dependeria inteiramente da particularidade daquele que se apresenta à análise, devendo se ajustar a ele na sua forma, temporalidade e tática.

Não obstante, em seguida, destaca alguns 'pontos enigmáticos' do discurso, que seriam objeto privilegiado da intervenção do analista: trata-se das formações do inconsciente, ou seja, do sonho, do chiste, do ato falho, da fantasia, do sintoma, e, ainda, da inibição, da angústia, do *déjà raconté*, do *déjà vu* e assim por diante (Dunker, p. 4). Desse modo, observamos que o chiste corresponderia a um dos elementos sobre o qual incide uma interpretação.

Zusman (2006), por sua vez, sugere que a semelhança entre o *Witz* e a interpretação ocorreria, pois o primeiro também se apresenta como uma forma de revelar o que jaz oculto, trazendo o recalcado à superfície. Para ele, quando se dá essa revelação, ocorre uma modificação na própria compreensão que o sujeito tinha acerca da questão:

(...) qualquer caricaturista sabe que o que dá humor aos seus desenhos é a acentuação dos traços imperfeitos, ocultos pela forma mais harmônica da imagem, tal como o mundo a vê. É aquela verdade que sempre esteve presente e que, entretanto, só surge claramente ao ser desvelada. A interpretação segue por uma via semelhante, pois não faz outra coisa senão dar evidência ao que jaz oculto – e, ao fazê-lo, muda a qualidade do entendimento (Zusman, 2006, p. 38).

Essa visão confirma aquilo que identificamos no primeiro capítulo desse trabalho, quando abordamos o livro dos *Chistes*. Como verificamos, nessa obra, Freud demonstrou claramente que as piadas, através de sua técnica, possibilitavam ao humorista encontrar uma forma de expressão às suas intenções inconscientes, aceita socialmente.

Desse modo, conforme Zusman (2006), o chiste, quando bem empregado, poderia favorecer o *insight*, bem como uma melhor relação entre as diferentes instâncias mentais – à semelhança da interpretação.

Pereda (2005), por sua vez, também reconhece uma íntima relação entre o chiste e a interpretação. Além disso, ele sugere que a presença do humor no *setting* implica um questionamento acerca da posição do terapeuta:

Não estamos propondo que um analista deva ser engraçado ou divertido, mas que outorgue à piada – não importa de quem provenha na circulação do diálogo analítico – o *status* de interpretação, elemento principal da intervenção analítica. (Pereda, 2005, p. 125).

Isso nos leva a outra questão: quando e de que maneira o terapeuta poderia utilizar o humor, em suas intervenções? Gostaríamos de nos deter com mais atenção nesse assunto. Nesse sentido, as primeiras considerações que podemos traçar referem-se ao emprego da própria interpretação: como apontou Dunker, ela deve incidir sobre pontos significativos do discurso do paciente, estando sempre intimamente relacionada a ele.

O mesmo ocorre com o *Witz*. Zusman, a esse respeito, comenta: “Trabalhar com o humor, assim como com a interpretação, requer um *timing* e um *feeling* específicos” (Zusman, 2006, p. 39). Desse modo, percebemos que o humor, como ferramenta do analista, está submetido aos mesmos princípios que os demais recursos técnicos da psicanálise: a associação livre e a atenção flutuante. Além disso, deve sempre ser respeitada a particularidade de cada caso.

Kupermann (2003), a esse respeito, relembra a recomendação freudiana: o psicanalista, frente a cada novo caso, deve esquecer tudo o que aprendeu nas análises anteriores. Adicionalmente, recorre ao conceito de *tato*, para auxiliá-lo em sua prática clínica. Tal conceito foi apresentado por Freud e posteriormente trabalhado por Ferenczi e está relacionado à habilidade de saber como e quando se comunica algo ao analisando. Ele seria, assim, a faculdade de ‘sentir com’ o outro e pertenceria à dimensão estética.

O autor defende a necessidade de se considerar também essa dimensão a partir do texto *Psicanálise silvestre*, escrito por Freud em 1910, onde ele demonstra os efeitos maléficos de uma interpretação abrupta. Assim:

(...) o que caracteriza a violência de uma interpretação não é exatamente a inexatidão ou a inverdade do material comunicado, mas a falta de *tato* por parte do analista, esse “dom especial”, que não pode ser transmitido a partir de regras técnicas. (Kupermann, 2003, p. 233).

Isso o leva a concluir o seguinte: o humor sem tato deixa de ser humor. Então, apesar de esse conceito manifestar-se, ainda, um pouco vago¹⁷, ele se mostra interessante para nosso trabalho, pois, por meio dele, Kupermann constrói um entendimento no qual toda e qualquer intervenção do terapeuta (inclusive o uso do *Witz*) é contingente a cada caso e situação.

Assim, entendemos que o psicanalista, em sua prática, tem total liberdade no âmbito da tática (ou técnica), menos liberdade no âmbito da estratégia e quase nenhuma liberdade no âmbito da ética.

A esta altura, identificamos que o senso de humor, a piada e o cômico ocupam uma posição paradoxal: por vezes, apresentam-se como um *enigma* a ser revelado, o “x da questão” de determinado paciente; por outras, surgem como a própria revelação de uma verdade inconsciente.

Kupermann (2003), por seu turno, privilegia outro aspecto da interpretação: a verdade não é dada *a priori* pelo analista, mas *a posteriori*, dependendo, portanto, da confirmação e da participação do analisando. Ora, o mesmo não ocorre com o chiste? Afinal, para que ele seja legitimado como tal caberia ao ouvinte reconhecê-lo, por exemplo, através de seu riso. Dessa forma, poderíamos dizer que o papel desse ouvinte equivale ao do analisando, na medida em que ambos arrematam a piada/interpretação.

Ou seja, a adequação ou a verdade de uma interpretação (ou, em sentido ampliado, de qualquer intervenção psicanalítica) não pertence exclusivamente ao patrimônio psíquico do analista, mas é o produto de um acontecimento estético que se dá na relação transferencial e que pode ser avaliado pelos seus efeitos reais e concretos sobre o psiquismo do analisando. (Kupermann, 2003, p. 222).

Assim, aproximamo-nos da noção de ato analítico. Segundo Prates (2011), esse só pode ser apreendido *a posteriori* justamente porque é o paciente quem o conclui. Essa noção foi formulada por Lacan, em um de seus últimos seminários: *L'insu que sait de l'une bévue s'aile à mourre*¹⁸, no qual lança uma pergunta: seria o psicanalista poeta o suficiente? Isso porque, para ele, apenas a poesia permitiria a interpretação.

¹⁷ Não é o objetivo desse trabalho aprofundar esse conceito da teoria de Ferenczi. No entanto, para quem tiver interesse, sugerimos consultar o quarto capítulo do livro: *Ousar rir. Humor, criação e psicanálise*, de Daniel Kupermann.

¹⁸ Preferimos manter o título original, pois há controvérsias a respeito de sua tradução para o português.

No caso, Lacan estava interessado em construir uma nova resposta específica do analista, com base justamente em uma “nova razão”, retirada da poesia. A partir dessa seria possível ultrapassar o “rochedo da castração” freudiano. Para tanto, ele desenvolve um raciocínio no qual defende que o terapeuta deveria tomar o discurso do paciente para além da questão da verdade e do sentido; deveria, portanto, reduzir os significantes ao seu não-senso. Nesses termos, o ato analítico corresponderia à experiência artística ou estética, que supera nosso entendimento racional.

Retomando a questão do humor, para Birman (2005), sua presença e a do chiste na condução de uma psicoterapia tem a potência de esvaziar o estilo de seriedade e fatalidade, atribuído por muitos pacientes aos males que lhes afligem. Ele denominará este efeito de *desdramatização narrativa*.

Segundo ele, é certo que o infortúnio, o maldito e a dor fazem parte de nossa existência – como, aliás, resgatamos a partir da dimensão trágica do desejo e da condição humana. No entanto, destaca que a neurose também pode ser concebida como um drama forjado pelo próprio psiquismo do sujeito, de forma a lidar com o referido infortúnio. Trata-se do romance ou da novela familiar, construídos por cada um de nós, que Freud sabiamente reconheceu, nos primórdios da psicanálise, ao tratar de suas primeiras pacientes, as histéricas.

Nesse sentido, é interessante lembrarmos esse momento tão fecundo, onde o pai da psicanálise desvelou a dimensão dramática, fantasiosa e imaginária, presente no discurso daquelas pacientes e constatou que todo indivíduo é, em parte, responsável, pelo conflito que carrega. De certa forma, devemos a Freud e às histéricas essa importante descoberta.

A esse respeito, Birman (2005) traz à cena o último parágrafo da *Psicologia da histeria*, no qual Freud refere-se à desdramatização do infortúnio por meio da experiência analítica, ao enunciar a transformação crucial da “miséria histórica” em “infelicidade banal”:

Todo o projeto ético da psicanálise está condensado neste fragmento, pois o que está decididamente em pauta é a desdramatização da “miséria histórica” e o reconhecimento efetivo de que a existência humana é permeada pela dita “infelicidade banal”. Desta não é possível absolutamente escapar, estando justamente inscrita aqui a dimensão trágica da existência. (Birman, 2005, p. 93-94).

Assim, conforme observamos a partir da noção de desdramatização da cena psíquica, o humor pode ser utilizado pelo analista, como uma forma de trazer o analisando para um “outro lugar”, ou, melhor dizendo, para outra cena...

A esse respeito, Roustang (*apud* Slemenson, 2007) estabelece uma contraposição entre a postura humorística e a postura séria, defendendo que as pessoas que se levam excessivamente a sério não se permitiriam ocupar outros lugares e seriam, portanto, incapazes de análise.

Sobre a questão dos pacientes muito críticos com relação a si próprios, Zusman (2006) sugere que, nestes casos, o recurso do humor poderia ser uma ferramenta interessante, pois incentivaria outro tipo de relação entre seu ego e seu superego.

Chegamos, agora, em um momento central de nosso trabalho, no qual podemos sustentar que o humor abre possibilidades para que o sujeito possa *rir de si mesmo*. Além disso, lançamos a seguinte questão: não seria a análise um lugar privilegiado para que esse exercício ocorresse?

Nesse sentido, Coelho de Souza (2006) acrescenta que para que essa alternativa seja plausível, o sujeito deve, simultaneamente, *ser ele mesmo e ser outro de si*.

Com base nisso, Kehl (2005) aponta duas características do senso de humor, que a nosso ver contribuem para que tal alternativa ocorra: a possibilidade de retirar o eu de uma situação potencialmente humilhante (promovendo uma reviravolta) e a possibilidade de distanciamento. Assim:

Outro exemplo do uso do humor para resgatar o eu de uma situação humilhante me foi contado por um analisando que passou por uma humilhação pública, na escola, e mais tarde foi capaz de superar o mal estar ao contar o episódio a um amigo de fora, como se não fosse com ele. Juntos, os dois fartaram-se de rir da bobagem cometida por aquele “outro” otário que não era senão ele mesmo. (Kehl, 2005, p. 66).

Ora, em certos momentos, quem seria essa pessoa *de fora*, chamada a testemunhar uma situação ocorrida, senão o próprio terapeuta? Assim, entendemos esse exemplo como uma boa ilustração daquilo que acontece em um processo de análise.

De toda forma, a autora prossegue afirmando que, no caso, surgiu para seu analisando a possibilidade de, por meio da narrativa, separar-se de si próprio e rir de si mesmo, sem se expor ao ridículo. Para tanto, “A cumplicidade com um semelhante foi fundamental para o sucesso deste *drible* na ferocidade do superego” (Kehl, 2005, p. 67). Por fim, aborda que o riso surgiu justamente do efeito da possibilidade de tratar a experiência dolorosa, poupando o trabalho de recalá-la.

A essa altura, identificamos claramente como o emprego do humor na clínica pode provocar importantes ressignificações para o paciente, possibilitando que ele possa, enfim, sorrir consigo próprio. Por outro lado, como poderia o analisando rir de si mesmo, se o psicanalista não o faz também (Slemenson, 2007, p. 63)?

Esse questionamento coloca em destaque a figura do terapeuta, chamando-nos a atenção para a postura que assume (e seus possíveis efeitos). Nesse sentido, Kupermann (2003) alerta para a importância de se refletir acerca da metapsicologia do próprio analista.

Para tanto, resgata a importância das atitudes de benevolência e de acolhimento no *setting*, formuladas por Ferenczi¹⁹, articulando-as ao uso do humor. Como o autor indica, por meio de tais atitudes, o terapeuta abandonaria o lugar de substituto paterno (tradicionalmente atribuído a ele), assumindo uma postura mais próxima de uma função materna.

Em nossa opinião, o mais sugestivo dessa proposta corresponde ao entendimento que a benevolência para com o outro pressupõe, justamente, a benevolência para consigo. Adicionalmente, como indicou Freud (1927/2006), não seria precisamente no humor que o superego se portaria de maneira surpreendentemente benevolente para com o ego?

Assim, ele arremata: “A expressão de humor pelo analista implica, portanto, rir *com* o analisando, nunca *do* analisando, já que o mais próprio da capacidade humorística é a capacidade de rir de si mesmo” (Kupermann, 2003, p. 254). Nesses termos, dentro do projeto ferenciano abordado por Kupermann, a cura psicanalítica implicaria em uma “desconstrução do superego”.

¹⁹ A noção de benevolência começa a ser desenvolvida por Ferenczi no contexto em que ele abandona a chamada “técnica ativa” e formula a *Elasticidade da técnica psicanalítica*. In KUPERMANN, D. *Ousar rir. Humor, criação e psicanálise*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.

Sobre o desenlace de uma análise, Slavutzky (2005) chega a defender que o senso de humor desenvolvido pelo paciente ao longo do tratamento poderia ser visto como uma forma de avaliar o próprio processo analítico. Da mesma maneira, para Poland (*apud* Zusman, 2006) o humor seria entendido como um parâmetro de melhora do paciente.

A partir de agora, gostaríamos de explorar uma questão que, conforme certos autores (Birman, 2005; Zusman, 2006) aproxima as concepções de Freud e de Bergson: trata-se da experiência de *transgressão* veiculada pelo chiste. Afinal, como já descrevemos tantas vezes no trabalho, a piada, pelo seu enunciado, veicula um desejo inconsciente que se realizaria e se manifestaria na relação do sujeito com o outro, apesar do recalque.

Zusman, procurando estabelecer uma relação entre os dois grandes pensadores afirma que ela residiria no seguinte: enquanto para Freud há uma tensão central entre pulsão de vida e pulsão de morte, para Bergson há uma tensão entre as forças a serviço da transgressão e as forças conservadoras. Nesse cenário, vislumbra o humor como sendo o ponto de entrelace dessas tendências, afinal, se por um lado ele rompe, subverte e inova, por outro, dota de flexibilidade o próprio sistema conservador, salvando-o de uma rigidez desadaptativa. Portanto, para esse autor, o senso de humor seria ao mesmo tempo um instrumento de transgressão e de adaptação:

É na relação de intrínseca dependência, da pulsão de vida e de morte em Freud ou da transgressão e da adaptação em Bergson que podemos observar as melhores condições para a vida. Pois o homem não vive sem a sua capacidade adaptativa, nem sem a sua capacidade de transgredir. Talvez não haja melhor maneira de enfrentar os desafios de viver do que através do uso de um humor saudável, que nos dê força sem negar a realidade. (Zusman, 2006, p. 40).

Dessa forma, entendemos que tal “dupla-face” do humor também se mostra útil na clínica. O surgimento do humor, como transgressão, é bem vindo, pois abre possibilidades para o sujeito experimentar o novo, a invenção e a criatividade. Já como forma de adaptação, também mostra sua utilidade, na medida em que todo indivíduo está inserido em um contexto, ao qual precisaria adaptar-se minimamente. Nesse último sentido, o humor seria visto como uma defesa funcional, auxiliando as pessoas a lidar de maneira mais econômica com seus conflitos, por exemplo.

Por fim, gostaríamos de abordar uma última questão: trata-se da confusão, por vezes estabelecida, entre as noções de humor e de felicidade. Como sabemos, a psicanálise não promete a felicidade, como pode ser constatado desde a *Psicoterapia da histeria* até o *Mal estar*

na civilização, ambos discutidos nesse trabalho. Na realidade, entendemos que a psicanálise até se contrapõe às promessas de felicidade e bem estar, gerais e irrestritas.

Como Lacan nos apontou, o sujeito vive uma condição de permanente conflito: entre o consciente e o inconsciente, entre o particular e universal, entre o corpo e a “alma”, entre a linguagem e o real e assim por diante. Assim, em seu seminário *A ética da psicanálise*, ele faz uma crítica aos modelos de felicidade, afirmando que ela seria um falso problema. Afinal, ao indivíduo caberia ou ceder de seu desejo, pagando com a culpa e a alienação, ou afirmá-lo, arcando com as suas consequências. Ora, como nos informa Kupermann (2003), isso não se trata, em momento algum, de encontro com a felicidade.

Adicionalmente, Lacan indica que não haveria uma “regra de ouro”, que se aplicaria a todos; cada sujeito precisaria descobrir até que ponto ceder ou afirmar seu desejo. Então, o problema da felicidade estaria localizado na discussão ético-política. Como observamos, novamente, a questão da ética se coloca para nós.

Portanto, frente à dimensão trágica do desejo humano, o humor não se configura como uma solução. No limite, acreditamos que essa solução não está dada, pois a psicanálise não tem essa resposta.

Porém, acreditamos que o *Witz* abre algumas possibilidades para o indivíduo lidar com sua condição, de uma maneira que não seja exclusivamente pelo viés da tragédia, mas também pelo da comédia.

Desse modo, Kupermann (2003) defende que a análise deveria propiciar ao analisando a experiência de alegria, entendida como uma sensação prazerosa, fugaz e pertencente ao processo de criação sublimatória. Ainda, referindo-se à Lacan, afirma que um processo psicanalítico bem sucedido construiria um “gaio saber”, ou seja, um saber que promova modificações metapsicológicas no paciente, resgatando sua potência de pensar e agir criativamente no mundo.

Birman, a esse respeito, também é propositivo:

Porém, se a psicanálise convida e conduz inequivocamente o sujeito para a experiência e o convívio com o trágico, isso implica não apenas a desdramatização da existência, já que a neurose seria a encarnação do drama, *mas também a construção de instrumentos para o sujeito lidar com a tragicidade inerente à nossa condição antropológica. É nesse registro que o chiste, o humor e o riso se inscrevem, como formas de o sujeito poder efetivamente lidar com o mal estar.* (Birman, 2005, p. 94/95, grifo nosso).

Enfim, Zusman (2006) sugere que na clínica psicanalítica alguma dose de humor está sempre presente, na possibilidade de ver a vida por um lado menos trágico. Desse modo, o humor, bem utilizado, ajuda a ampliar o domínio do ego sobre uma realidade, com a qual se torna possível negociar em termos menos hostis e desfavoráveis. Como vemos:

(...) talvez seja possível dizer que, à medida que um paciente resolve questões que de início parecem insolúveis, dois prazeres se instalam. O primeiro, certamente, é o de ter superado uma dificuldade; o segundo é o de tomar conhecimento da própria força interna. Não é difícil encontrar prazer e fazer graça diante de um obstáculo transposto. Nada mais prazeroso que lembrar as dificuldades de uma viagem após o retorno a casa. (Zusman, 2006, p. 39).

Finalmente, tendo em vista todo o exposto, acreditamos que poderíamos inverter a questão inicial: seria adequada uma análise na qual está estabelecido *a priori* que não se pode rir com o analisando?



5. Considerações Finais

Estamos, enfim, chegando ao final de nosso itinerário pelas sinuosidades do chiste, do cômico e do humor. Retomando o percurso traçado, nos capítulos 2 e 3 abordamos a temática na obra de Freud e pudemos verificar seu estatuto teórico, bem como suas implicações metapsicológicas. No capítulo 4, estudamos a presença desses elementos na relação entre o analista e o analisando, no *setting* clínico, e como poderiam ser empregados pelo analista.

Acreditamos ter demonstrado que o senso de humor, na medida em que promove efeitos de surpresa e de deslocamento, é um interessante instrumento para se pensar a clínica psicanalítica. Como vimos, ele pode ser utilizado de diferentes modos pelo terapeuta: seja na forma de um enigma ou de uma revelação; seja como uma interpretação dotada de boa dose de espirituosidade ou como um apontamento desconcertante, que remete o paciente para uma *outra cena*. Como Freud descreveu, o humor tem a potência de trazer o recalcado à tona, de uma maneira que presenteia o sujeito com uma dose de prazer.

No entanto, nosso objetivo nesse trabalho não foi fazer nenhum tipo de elogio desmedido ao humor. Muito pelo contrário. Reconhecemos o valor das lágrimas, da dor e da tristeza para promover elaborações e ressignificações nos sujeitos, em um processo analítico. No entanto, sentíamos que o *Witz* também seria uma forma de originar essas importantes transformações e acreditávamos que a ele também caberia um lugar ao sol no mundo da psicanálise.

Como descrevemos, após os dois textos freudianos sobre o chiste e o humor, essa temática foi deixada à margem do desenvolvimento da teoria psicanalítica. Na realização desse estudo, isso foi constatado devido à pequena quantidade de literatura encontrada concernente à matéria (ao menos no Brasil). Como salientou Kupermann (2003), no movimento de 'abandono' dos chistes, privilegiou-se a rigidez, a seriedade unilateral e a obediência estrita à técnica clássica, não apenas no *setting* clínico, como também na transmissão do saber psicanalítico, em certos redutos. É recente o interesse de alguns estudiosos pelo resgate da importância do *Witz*.

Esse cenário nos levou, necessariamente, a nos questionar: por que alguns psicanalistas teriam tanta dificuldade em incorporar o senso de humor em sua reflexão e prática? Afinal, estaria o registro do cômico tão distante da ética psicanalítica? Acreditamos que não.

Assim, arriscamos afirmar que incorporar o senso de humor no exercício clínico implicaria um reposicionamento do próprio terapeuta. Afinal, um analista que atribui um lugar a ele em sua prática é, acima de tudo, um analista que se deixa mostrar e não se esconde por detrás de sua técnica ou mesmo de seu divã. Ou seja, a clínica bem humorada não combina com um modelo de terapeuta distanciado e asséptico, assim preocupado em garantir sua neutralidade.

Conforme indicamos no capítulo anterior, como poderia um psicanalista pretender que seu paciente ria de si mesmo se ele mesmo não é capaz de fazê-lo?

A essa altura, atingimos um ponto fundamental de nossa exposição: além de todas as repercussões que a incorporação do *Witz*, do cômico e do humor trouxe para a psicanálise, acreditamos que a atitude humorada corresponde, essencialmente, à capacidade de o sujeito rir de si mesmo.

A nosso ver, *rir de si mesmo* significa perdoar-se, aceitar-se, humanizar-se e ser generoso para consigo próprio. Uma clínica com humor trabalha no sentido de construir essas possibilidades, que comumente não são dadas desde o início. Muitas vezes, quando um paciente procura uma análise, ele o faz porque se sente deprimido, isolado, paralisado e despotencializado. Enfim, ele não vê saída para o seu sofrimento; ainda não é capaz de rir de si próprio.

Uma análise possibilita a criação de um *saber* a partir de um *não-saber*. É certo que esse processo trará dor; também é certo que haverá um trabalho de luto para essa dor. Porém, a presença do humor, no decorrer desse processo, também indica que ele não precisa ser vivido exclusivamente pela via do sofrimento. Como salientamos, a realidade pode ser vista por meio de duas janelas: da tragédia e da comédia.

Nesse sentido, damos-nos o direito de mencionar novamente o sugestivo comentário feito por Freud em uma nota de rodapé do livro dos *Chistes*, onde se evidencia a convivência do trágico e do cômico em um processo analítico:

Muitos de meus pacientes neuróticos, sob tratamento psicanalítico, demonstram regularmente o hábito de confirmar algum fato pelo riso quando consigo dar-lhes um quadro fiel de seu inconsciente, ocultado à percepção consciente; riem mesmo quando o conteúdo desvelado não justifica absolutamente o riso. Tal fato sujeita-se, naturalmente, a uma aproximação do material inconsciente, íntima bastante para captá-lo, depois que o médico o detecta e o apresenta a eles. (Freud, 1905/2006, p. 160/161, *nota de rodapé*).

Defendemos um projeto de clínica que procure aumentar a potência de pensar e agir dos sujeitos no mundo, uma clínica que coloque em movimento o circuito desejante de cada um. Nesse horizonte, vemos a atitude espirituosa como uma ferramenta valiosa. Caso ela não esteja presente no *setting* desde cedo, pode o analista introduzi-la, provocando efeitos no analisando.

Para tanto, devemos também ter em mente as ressalvas feitas no quarto capítulo. Nem sempre é recomendado o emprego do humor; esse irá depender das particularidades de cada caso. Como nos alerta Barthes, “obrigar a rir é tão violento quanto proibir o riso” (*apud* Slavutzky e Kupermann, 2005, p. 9). Novamente, ressaltamos que o analista tem grande liberdade no âmbito da técnica, porém pouca liberdade no âmbito da ética. Essa última, no fundo, é que deve guiar seu trabalho.

Feita essa restrição, destacamos que, para nós, a possibilidade de rir de si mesmo permite uma outra forma de o sujeito relacionar-se com a falta – vale lembrar que, para a psicanálise, a condição essencial, que marca o sujeito, é a de ser faltante, atravessado pelo outro e marcado pela divisão consciente-inconsciente. Nessa outra forma de relação, tal sujeito poderia reconhecer a falta como sendo parte de sua existência, ou seja, aceitaria sua mortalidade, imperfeição, incompletude... E passaria, até mesmo, a fazer disso motivo de graça.

A esse respeito, Kupermann apresenta uma bela imagem: trata-se da figura do órfão, que em muito se aproxima da do humorista:

Contrariamente à figura do herói, que ambiciona substituir efetivamente o pai faltante e que enuncia, do alto de sua onipotência narcísica, a crença na soberania do seu ego – “nada me pode acontecer” –, o órfão é aquele que, sabendo que a sua existência não se reduz aos limites impostos pelo seu narcisismo, crê na potência do seu erotismo e do seu desejo, e pode enunciar, junto ao humorista: “tudo pode me acontecer, a mim que já perdi o que tinha para perder e que aprendi a rir com a vida”. (Kupermann, 2003, p. 28).

Nesse sentido, poderíamos dizer que toda a humanidade compartilha de certo *status* de orfandade? Pensamos que sim, ao menos para a psicanálise, como abordamos por meio da dimensão trágica. Resta, agora, saber o que cada um irá fazer frente a tal situação...

De acordo com Costa (2006), o humor representa uma forma de expressão da criatividade que tem como finalidade mitigar o sofrimento. Nesses termos, sua meta não seria primordialmente fazer graça, mas convencer o sujeito de que a realidade é tolerável e que é possível sobreviver às adversidades. Para ele, em situações extremas, onde o indivíduo se depara com uma situação potencialmente traumática, a atitude humorística pode constituir uma forma de resgatar o sujeito, evitando que ele se deixe vencer pela morte.

Com base nisso, poderíamos dizer que os sujeitos que apresentam senso de humor estariam mais “protegidos” frente às investidas do real? Ou ainda, o humor fortaleceria o ego? Deixamos essas questões para futuros trabalhos sobre o tema.

Nesse estudo trabalhamos basicamente com a idéia de que o chiste é dotado de um sentido. Por outro lado, no quarto capítulo introduzimos o conceito de ato analítico e sua possibilidade de ultrapassar os limites do sentido. Desse modo, entendendo o sintoma como algo enraizado no registro do *real*, será que o humor e o chiste, por pertencerem à dimensão estética, possibilitariam um trabalho não apenas pela via do sentido e da metáfora, como foi demonstrado até aqui, mas também pela via do não-sentido? Essa é outra pergunta que deixamos para futuras reflexões.

Há, ainda, outros temas correlatos ao desse estudo, que também poderiam ser frutos de outras pesquisas. Por exemplo, como pensar o humor psicanalítico frente às atuais formas de mal estar? Ganhito destaca que estaríamos vivendo em plena era dos transtornos de humor, abrangendo uma gama sempre crescente de variedades e distúrbios psíquicos. Nesse cenário, “Os antigos humores corpóreos ressurgem com força sob a roupagem moderna dos neurotransmissores” (Ganhito, 2012). Essa visão, baseada nas tonalidades afetivas (depressão e mania) não deixaria de lado outro campo – do humano, dos conflitos e dos sentidos subjetivos –, que procuramos ressaltar em nosso trabalho?

Por isso, Pereda (2005), indica que *o senso de humor não coincide com o bom humor*, mas concerne a certo posicionamento subjetivo em face do saber de nossa condição sexuada e mortal.

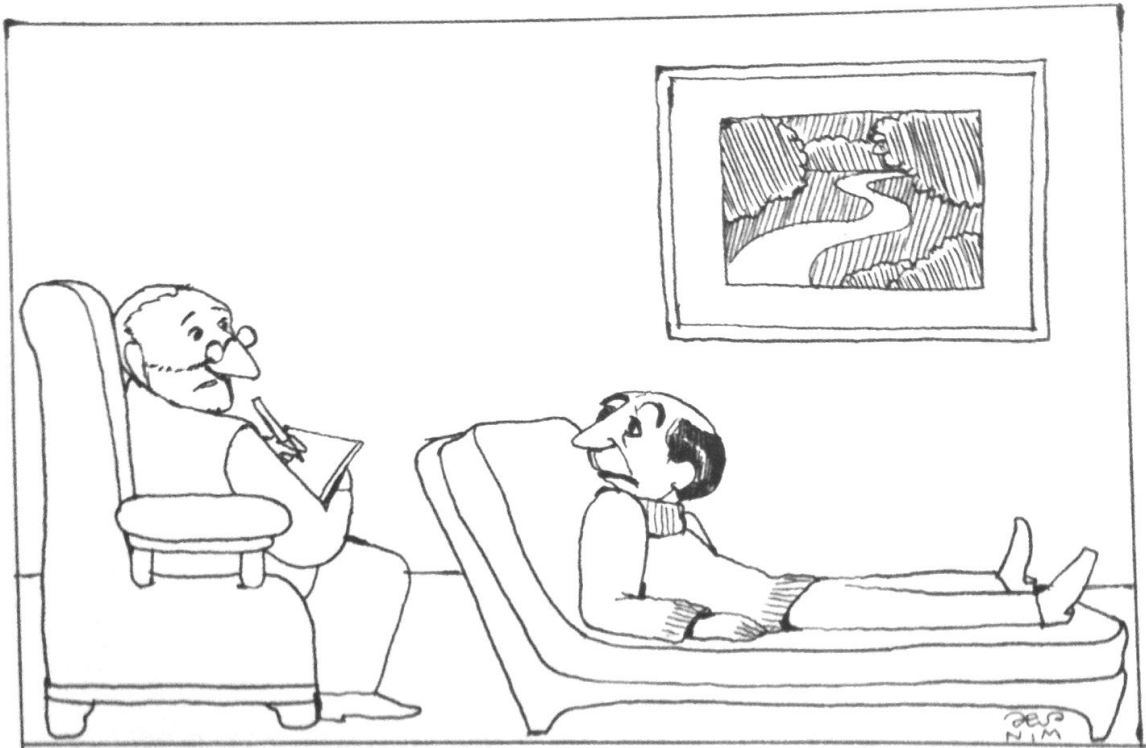
Outra reflexão possível se refere a uma provocativa inversão: e o que dizer quando a própria psicanálise se torna objeto do humor? Apresentamos ao longo desse trabalho alguns *cartoons*, que exploram esta temática. O que essas caricaturas nos sugerem? Poderiam nos indicar a forma como a psicanálise é vista pela sociedade?

Retomando as lições de Freud sobre a caricatura e o cômico, temos que esses seriam formas de desidealização; nesse sentido, não seriam essas charges também modos de dessacralizar o personagem do analista, seus rituais e seu saber? De certa forma, é como se dissessem: “este indivíduo que você admira e venera como a um semideus é apenas um ser humano como você”. (Pereda, 2005, p. 127). Enfim, estas perguntas também são deixadas para futuros estudos.

Antes de finalizar nosso percurso, porém, devemos enfrentar um último argumento: Freud, em seu artigo sobre o *Humor*, descreve que esse seria um *dom precioso e raro*. Ora, a partir desse ponto de vista, deveríamos concebê-lo como uma característica que não se encontra acessível a todos os indivíduos, mas a apenas alguns? Então, como poderíamos incorporá-lo à prática analítica da maneira que expusemos até agora?

Acreditamos que existem modelos de clínica, que cumprem com suas finalidades adequadamente, fomentando o circuito desejante dos analisandos, sem utilizar o recurso do humor. Também reconhecemos que certos pacientes optam por não incorporar a atitude espirituosa em suas vidas, encontrando outros meios igualmente válidos para lidar com seus conflitos.

No entanto, nesse trabalho, defendemos uma clínica bem humorada, pois apostamos nos efeitos potencializadores do *Witz*, do cômico e do humor, aliados ao trabalho de elaboração e de luto. Nesse sentido, entendemos o humor não como uma característica existente *a priori* (de ordem genética ou hereditária, por exemplo), mas como fruto de uma *construção*, que envolve um saber inconsciente, que ocorre em análise. Portanto, dentro dessa proposta, o humor está em nossa vista, como um “ideal”, um objetivo a ser conquistado. E, por mais que não seja possível alcançá-lo, permanecerá sempre em nosso horizonte. Afinal, quem ri por último, ri melhor.



- Acabou?

6. Referências Bibliográficas

- AUGUSTO, S. *Terapia*. il. (The New Yorker Cartoons). Rio de Janeiro, Desiderata, 2009.
- BERGSON, H. *O Riso: ensaio sobre a significação do cômico* (1899). 2ª Ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1983.
- BIRMAN, J. Frente e verso: o trágico e o cômico na desconstrução do poder. In SLAVUTZKY, A.; KUPERMANN, D (orgs.). *Seria trágico... se não fosse cômico – Humor e Psicanálise*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2005, p. 81-109.
- CALICH, J. C. A psicanálise bem temperada: humor, estilo e metáfora no processo psicanalítico. In *Revista Brasileira de Psicanálise*. São Paulo, vol. 40, n. 4, 2006, p. 73-86.
- CALVINO, I. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo, Companhia das Letras, 1997.
- COELHO DE SOUZA, R. N. A graça do riso. Comentário à entrevista de Franklin Leopoldo e Silva. In *Revista Brasileira de Psicanálise*. São Paulo, vol. 40, n. 4, 2006, p. 42-50.
- COSTA, G. S. P. A psicanálise diante do trauma, do humor e da esperança. In *Revista Brasileira de Psicanálise*. São Paulo, vol. 40, n. 4, 2006, p. 87-93.
- DIATKINE, G. Sobre o Riso. In *Revista Brasileira de Psicanálise*. São Paulo, vol. 40, n. 4, 2006, p. 53-72.
- DUNKER, C. I. L. *A Interpretação na Clínica Psicanalítica*. Disponível em: <http://stoa.usp.br/chrisdunker/files/1873/10129/2003++A+Interpretação+na+Clínica+Psicanalítica.pdf>, acessado em 25.05.2012.
- FERREIRA, A. B. H. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira S.A., 1986.
- FREUD, S. (1901). Sobre a psicopatologia da vida cotidiana. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Vol. VI. Rio de Janeiro, Imago, 1996.
- FREUD, S. (1905). Fragmento de uma análise de histeria. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Vol. VII. Rio de Janeiro, Imago, 1996.
- FREUD, S. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Vol. VII. Rio de Janeiro, Imago, 1996.

FREUD, S. (1905). Os Chistes e a sua Relação com o Inconsciente. *In Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Vol. VIII. Rio de Janeiro, Imago, 2006.

FREUD, S. (1927). O humor. *In Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Vol. XXI. Rio de Janeiro, Imago, 2006.

FREUD, S. (1927). O futuro de uma ilusão. *In Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Vol. XXI. Rio de Janeiro, Imago, 2006.

FREUD, S. (1930 [1929]). O mal estar na civilização. *In Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Vol. XXI. Rio de Janeiro, Imago, 2006.

GRANHITO, N. C. P. *Rrose Sélavy: o véu que nos protege*. Resenha de Abrão Slavutzky e Daniel Kupermann (orgs.). *Seria trágico... se não fosse cômico – Humor e Psicanálise*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2005. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/percurso/main/pcs37/37Granhito.htm>, acessado em 03.06.2012.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Objetiva, 2001.

JONES, E. *A vida e a obra de Sigmund Freud*. Vol. 2. Rio de Janeiro, Imago, 1989.

KEHL, M. R. Humor na infância. *In SLAVUTZKY, A.; KUPERMANN, D (orgs.). Seria trágico... se não fosse cômico – Humor e Psicanálise*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2005, p. 51-79.

KUPERMANN, D. *Ousar rir. Humor, criação e psicanálise*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.

KUPERMANN, D. Humor, desidealização e sublimação na psicanálise. *In Psicologia Clínica*. Rio de Janeiro, vol. 22, n. 1, 2010, p. 193-207.

SILVA, F. L. Entrevista. *In Revista Brasileira de Psicanálise*. São Paulo, vol. 40, n. 4, 2006, p. 23-33.

LACAN, J. (1960) *O seminário, livro 7: A Ética da Psicanálise*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1991.

LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J.-B. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo, Martins Fontes, 2001.

MASSON, J. M. *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess – 1887-1904*. Rio de Janeiro, Imago, 1986.

MEZAN, R. *Interfaces da psicanálise*. São Paulo, Companhia das Letras, 2002.

MEZAN, R. A “Ilha dos Tesouros”: Relendo A piada e sua relação com o inconsciente. In SLAVUTZKY, A.; KUPERMANN, D (orgs.). *Seria trágico... se não fosse cômico – Humor e Psicanálise*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2005, p. 129-198.

MORAIS, M. B. L. Humor e Psicanálise. *Estud. psicanal.* Belo Horizonte, n. 31, out. 2008. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372008000100014&lng=pt&nrm=iso> acesso em 03.06.2012.

PEREDA, L. C. Humor e psicanálise. In SLAVUTZKY, A.; KUPERMANN, D (orgs.). *Seria trágico... se não fosse cômico – Humor e Psicanálise*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2005, p. 111-128.

PRATES, A. L. *Interpretação: da lógica do significante à po(ética) do ato*. Texto apresentado no Seminário do Campo Lacaniano, Fortaleza, Outubro de 2011.

RUBIÃO, L. L. O impasse trágico e a via cômica na ética da psicanálise. *Ágora*, vol. VI, n. 1, jan/jun 2003, p. 61-77.

SLAVUTZKY, A. KUPERMANN, D. (Org.). *Seria trágico... se não fosse cômico – Humor e Psicanálise*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2005.

SLAVUTSKY, A. O precioso dom do humor. In SLAVUTZKY, A.; KUPERMANN, D (orgs.). *Seria trágico... se não fosse cômico – Humor e Psicanálise*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2005, p. 201-228.

SLEMENSON, M. M. *Humor: defesa ou sublimação?* Trabalho de Conclusão de Curso. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2007.

UNGIER, Vende peixe-se. Uma clínica com humor. In SLAVUTZKY, A.; KUPERMANN, D (orgs.). *Seria trágico... se não fosse cômico – Humor e Psicanálise*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2005, p. 229-256.

WINNICOTT, D. W. (1971). O Brincar – uma exposição teórica. In *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro, Imago, 1975.

ZUSMAN, J. A. Breves considerações sobre o humor na clínica (Comentário à entrevista de Franklin Leopoldo e Silva). *In Revista Brasileira de Psicanálise*. São Paulo, vol. 40, n. 4, 2006, p. 37-41.